

# KARL MARX

## BIOGRAFIA

edições  
*Avante!*



EDIÇÕES «AVANTE!» — LISBOA  
EDIÇÕES PROGRESSO — MOSCOVO

1983

Карл Маркс  
БИОГРАФИИ

*На португальском языке*

DOS EDITORES

A presente edição é uma tradução da segunda edição em russo (Moscou, 1973), preparada pelo Instituto de Marxismo-Leninismo anexo ao CC do PCUS.

Colectivo de autores: P. N. Fedosseiev (director) I. A. Bakh, L. I. Golman, N. I. Kollinski, B. A. Krilov, I. I. Kuzminov, A. I. Malich, V. G. Mossolov, E. A. Stepanova.

© ПОЛИТИЗДАТ, 1973

Direitos de tradução em língua portuguesa  
reservados por  
Editorial «Avante!» — Edições Progresso,  
Lisboa — Moscovo, 1983

## CAPÍTULO I

# O CAMINHO PARA O MATERIALISMO E PARA O COMUNISMO

*Se escolhermos uma profissão em que possamos trabalhar ao máximo pela humanidade, não nos poderemos dobrar sob o seu peso...*

Karl Marx <sup>1</sup>

A infância e a adolescência de Marx decorreram na Renânia, a região alemã económica e politicamente mais desenvolvida. Esta província sofreu, mais do que qualquer outra região alemã, a influência da revolução burguesa francesa de 1789. Nesses anos o vale do Reno tornou-se teatro de operações militares dos exércitos revolucionários, de levantamentos camponeses, de acções dos democratas alemães inspirados pelas ideias jacobinas de liberdade, igualdade e fraternidade. Após a vitória dos franceses, a margem esquerda do Reno foi ligada à República Francesa e, posteriormente, ao Império de Napoleão. Aí o regime feudal foi, no essencial, suprimido: a grande propriedade latifundiária e eclesiástica foi liquidada, os privilégios feudais foram abolidos, foram introduzidos os tribunais de jurados e o Código Civil napoleónico. Tudo isto deu um empurrão ao desenvolvimento industrial da região.

Em 1815, por decisão do Congresso de Viena, a maior parte da Renânia voltou a pertencer à Prússia feudal e absolutista. Aqui os *Junkers* — aristocratas rurais — conservavam a maior parte dos seus privilégios. Esta casta privilegiada fornecia os quadros para a onnipotente burocracia prussiana e dela provinham os militares de carreira, que implantavam no país o culto do militarismo. Não existiam instituições nacionais representativas. As assembleias provinciais, os *Landtag*, apenas tinham voz consultiva, e o seu princípio de representação por estados sociais reduzia fortemente os direitos da burguesia. No *Landtag* renano, por exemplo, Aachen e Colónia, duas grandes cidades, com populações de quase 100 000 habitan-

tes, apenas estavam representadas por 3 deputados, ao passo que 6520 nobres tinham 25 delegados.

Economicamente a Prússia estava muito atrás da Inglaterra e da França. Permanecia um país essencialmente agrícola, com um proletariado pouco numeroso e fracamente desenvolvido. Os camponeses, sob a dependência semifeudal dos grandes latifundiários, e a pequena burguesia urbana (artesãos e comerciantes) constituíam a maioria da população.

O desenvolvimento industrial fazia, porém, progressos na Alemanha. Nas suas diferentes regiões, apareciam focos de produção capitalista, surgiam fábricas e minas, tendo-se iniciado em 1835 a construção de vias-férreas. A Renânia estava à cabeça das províncias industrialmente desenvolvidas da Prússia. As bases do feudalismo tinham sido aí a tal ponto abaladas que o governo prussiano não conseguiu liquidar completamente as conquistas da revolução francesa, designadamente não pôde substituir o Código de Napoleão pelo direito prussiano. Mas a burguesia renana sentia-se constrangida pelo alargamento à província renana do regime policial e absolutista. Estava descontente com a política fiscal e aduaneira do governo da Prússia, que a defendia mal da concorrência estrangeira, e tornou-se em grande medida o porta-voz do espírito de oposição dos círculos burgueses da Prússia e de toda a Alemanha.

As transformações económicas e políticas que se verificaram na Renânia nos anos 20 e 30 do século XIX reflectiam processos sociais que se desenvolviam em toda a Alemanha e em muitos outros países europeus. Por todo o lado, amadureciam os pressupostos para uma revolução burguesa, que devia suprimir os restos do feudalismo na ordem social e política e abrir caminho ao capitalismo, como acontecera na Inglaterra e na França. O principal obstáculo ao desenvolvimento do capitalismo na Alemanha era o fraccionamento político e económico do país, herdado da Idade Média. A existência na Alemanha de 38 Estados, com as suas fronteiras aduaneiras, as suas próprias moedas, os seus sistemas de pesos e medidas, perturbava enormemente o desenvolvimento da economia. A União Aduaneira de 18 Estados, com a Prússia à cabeça, criada em 1834 em contraposição à Áustria, rival da Prússia na luta pela hegemonia na Alemanha, era apenas um primeiro passo no caminho para superar o fraccionamento económico. Os soberanos dos pequenos Estados alemães, agarrados ao Poder e aos privilégios, eram adversários resolutos de todo o progresso. Um desses príncipes reinantes chegara mesmo a declarar: «Não quero caminhos-de-ferro no meu Estado, não quero que qualquer sapateiro ou alfaiate possa viajar tão depressa como eu.»

A questão da unificação da Alemanha preocupava sobretudo as forças progressistas do país. A revolução burguesa de Julho de 1830, em França, estimulou o espírito de oposição da burguesia e dos intelectuais alemães. Mas a burguesia alemã distinguia-se pela sua indecisão, pela sua tendência para os compromissos com os latifundiários, traços que não eram determinados apenas pela sua relativa fraqueza económica. É que, por detrás da burguesia, já se perfilava uma nova força social, a classe operária, na qual aquela presentia o seu futuro adversário. Isto apesar de o movimento operário alemão estar apenas a nascer.

Entretanto, nos países capitalistas mais desenvolvidos, como a França e a Inglaterra, o proletariado já descia à arena histórica como adversário da classe capitalista, como força objectivamente hostil à sociedade burguesa.

A revolução industrial em pleno desenvolvimento, a passagem do artesanato e da manufactura para a grande indústria capitalista, baseada no emprego das máquinas, levavam à pauperização dos trabalhadores, à ruína dos pequenos artesãos e comerciantes, causavam imensos sofrimentos aos operários ferozmente explorados nas fábricas capitalistas. As novas máquinas dispensavam centenas e milhares de braços, levando ao desemprego. Estes sofrimentos cresciam durante as crises que, desde 1825, abalavam periodicamente a economia capitalista.

Simultaneamente, a grande produção mecanizada, exigindo a concentração de massas proletárias nas fábricas, contribuía para a sua coesão, libertando gradualmente os antigos artesãos da mentalidade pequeno-burguesa alimentada pela vã esperança de se tornarem pequenos patrões independentes. No processo de formação da sua consciência de classe, os operários aprendiam a ver o inimigo não nas máquinas, como acontecera no passado, mas nos próprios donos das fábricas, em todas as classes privilegiadas e possidentes. Crescia a tendência dos operários para se unirem, primeiro segundo as profissões e, depois, numa escala mais ampla, com o objectivo de se oporem à opressão. Criavam-se as primeiras organizações operárias: os sindicatos (as *trade unions* na Inglaterra) e as sociedades de ajuda mútua.

Em 1831 e 1834, na cidade de Lião, grande centro industrial da França, verificaram-se insurreições proletárias. Os tecelões que lutavam nas barricadas arvoravam uma bandeira com a inscrição: «Viver trabalhando ou morrer combatendo!» Estas insurreições foram reprimidas bastante rapidamente mas não sem que tenham assustado terrivelmente a burguesia. Já a propósito da primeira insurreição o *Journal des Débats* [Jornal dos Debates], órgão do governo, escre-

via a 8 de Dezembro de 1831: «A insurreição de Lião revelou um importante segredo: a luta interna que se desenrola na sociedade entre a classe possidente e a classe que nada possui.» Na segunda metade dos anos 30 surgiu na Inglaterra o cartismo, primeiro movimento político de massas organizado da classe operária. Os seus membros exigiam a adopção de uma Carta do Povo contendo seis pontos, dos quais o principal era o sufrágio universal. Os cartistas consideravam a luta política um meio para melhorar a situação das massas operárias.

O protesto espontâneo das massas populares contra a exploração, a sua aspiração a uma vida melhor, de há muito que despertavam a esperança num regime social mais equitativo. Foi neste terreno que surgiu o socialismo utópico. Na sua forma clássica, foi elaborado por três pensadores geniais dos fins do século XVIII e princípios do século XIX: Claude-Henri Saint-Simon, Charles Fourier e Robert Owen. Os seus escritos continham uma crítica mordaz e justa das chagas e dos vícios do regime capitalista, assim como previsões geniais de certas características da futura sociedade comunista. Muitos anos mais tarde, em 1874, Friedrich Engels escreveu que o socialismo científico «se ergue sobre os ombros de Saint-Simon, de Fourier e de Owen, de três homens que, apesar de todas as fantasias e apesar de todo o utopismo, se contam entre as cabeças mais significativas de todos os tempos e que anteciparam genialmente inúmeras coisas, cuja correcção nós hoje demonstramos cientificamente»<sup>2</sup>.

## INFÂNCIA E JUVENTUDE

Karl-Heinrich Marx nasceu a 5 de Maio de 1818 em Trier, na família do advogado Heinrich Marx. Nessa época a família de Marx habitava numa pequena casa de dois pisos, na Brückengasse, n.º 664, que ainda hoje existe (a actual direcção é: Brückenstrasse, n.º 10). Dois anos mais tarde, a família mudava-se para a Simeonstrasse, onde Marx morou até sair da cidade, em 1835.

Trier, com as suas casas debruçadas sobre o Mosela, é uma cidade muito antiga. Capital de um vasto principado eclesiástico na Idade Média, sede de um arcebispado, tinha sido depois ultrapassada em importância por outras cidades da Renânia (Colónia, Düsseldorf, etc.), embora continuasse a ser um dos grandes centros da Prússia Renana. Com cerca de 15 000 habitantes, Trier tinha uma vida tranquila e calma, embora não estivesse desligada do movimento social que se desenvolvia na Alemanha. Aqui, como noutros lados, era flagrante o contraste entre o grosso da população, que vivia

miseravelmente, e uma minoria de gente rica. Os ecos das teorias socialistas chegavam a Trier. Nos anos 20 e 30, um dos primeiros socialistas utópicos alemães, Ludwig Gall, publicou em Trier as suas brochuras.

O pai de Karl Marx, Heinrich Marx, era uma personalidade marcante da cidade. Era um homem com uma vasta formação, que conhecia bem as obras dos grandes pensadores do século XVIII. As obras de Rousseau e Voltaire faziam parte das leituras permanentes do advogado de Trier; na sua biblioteca pessoal encontrava-se a obra do escritor revolucionário americano Thomas Paine, *Rights of Man* [*Direitos do Homem*]. Também conhecia bem as obras de Locke, Leibniz, Lessing. Jurista distinto, advogado no Tribunal da Relação, gozava de grande estima entre os colegas. Segundo o testemunho do próprio Marx, o seu pai «distinguia-se tanto pela pureza do seu carácter como pelo seu talento jurídico»<sup>3</sup>.

As opiniões políticas de Heinrich Marx não iam além do liberalismo, mas isso era o bastante para despertar as suspeitas das autoridades prussianas. Após um discurso pronunciado, a 18 de Janeiro de 1834, no «Casino», no decorrer de um banquete em honra dos deputados ao *Landtag* da Renânia e no qual tinha preconizado um regime representativo, a polícia interessou-se por ele.

Tendo assimilado as ideias dos filósofos das Luzes, Heinrich Marx manifestava também uma certa liberdade de pensamento em relação à religião, se bem que fosse ele próprio originário de uma família de rabinos. Manifestava uma grande indiferença pelas formas concretas da religião e pelos dogmas ortodoxos. Pouco antes do nascimento de Karl, renunciou à religião judaica para se converter ao protestantismo. Esta decisão foi tomada perante as restrições que, na época, eram feitas aos judeus na Alemanha. Alguns anos mais tarde, também a mulher e os filhos foram baptizados.

Heinrich Marx sentia uma grande ternura pelo filho, ocupando-se incansavelmente do seu desenvolvimento intelectual.

Karl também estava muito ligado ao pai. Este sentimento não enfraqueceu mesmo quando surgiram diferenças de opinião e divergências quanto à maneira de encarar o seu futuro. Marx conservou sempre um profundo respeito pela memória do pai e nunca se separou da sua fotografia, feita a partir de um velho daguerreótipo. Quando Marx morreu, Engels colocou esta fotografia na sua urna.

A mãe de Marx, Henriette Pressburg, era originária dos Países Baixos. Mãe de nove crianças, ocupava-se apenas das lides domésticas. O seu espírito acanhado e o seu sentido prático impediram-na de se tornar uma verdadeira amiga do filho, como acontecera com o pai. Marx tinha três irmãos e cinco irmãs. Os irmãos morreram cedo

e apenas três irmãs lhe sobreviveram: Sofia, a mais velha, Emília e Luísa, as mais novas.

Karl era o filho querido da família. A sua inteligência viva, o seu espírito inventivo nos jogos, o dom de inventar e contar toda a espécie de histórias e contos fantásticos faziam dele a alma das festas infantis. A filha de Marx, Eleanor, recordava-se de ter ouvido as tias contar quão grande havia sido a influência de Marx sobre as irmãs.

Em 1830, Marx entrou para o liceu de Trier. Foi um bom aluno, embora não tivesse tido prémios. Mas lá onde os professores exigiam um trabalho criador, não tinha quem o igualasse. O seu diploma de fim de estudos indicava que as suas composições se distinguiram pela riqueza das suas ideias e por uma profunda compreensão do assunto, que no respeitante ao grego e ao latim interpretava os textos com facilidade e segurança, designadamente aqueles «em que as dificuldades não consistem tanto nas particularidades da língua, mas no conteúdo e na conexão dos pensamentos»<sup>4</sup>. Demonstrou também sólidos conhecimentos de matemática. Os seus companheiros de escola amavam-no, embora o temessem, devido à sua língua acerada e aos versos satíricos que dedicava a alguns deles.

Marx teve a sorte de ter bons professores. Nesse tempo, Johann Wyttenbach, um dos mais esclarecidos pedagogos da época, era o reitor do liceu de Trier. Também aí ensinava História e Filosofia. Influenciado pelos filósofos franceses e alemães das Luzes, professava ideias liberais e pensava ser necessário inculcar nos jovens «a fé sagrada no progresso e no aperfeiçoamento»<sup>5</sup>. Wyttenbach, naturalmente, não tinha a confiança das autoridades prussianas; durante os últimos anos da sua vida sofreu a vigilância da polícia. Quanto ao professor de Matemática e Física, Johann Steininger, era considerado adepto do materialismo pelas autoridades, que punham em dúvida os seus «sentimentos patrióticos»<sup>6</sup>.

Os espessos muros do Liceu Friedrich-Wilhelm de Trier não podiam isolar os alunos da vida que fervilhava lá fora. Em 1833, foram ali descobertos livros proibidos, assim como versos satíricos dirigidos contra o governo. Foi preso um aluno.

A partir dessa época, Marx começou a sentir ódio por tudo o que era retrógrado. Depois de ter terminado o liceu, no Outono de 1835, esqueceu-se ostensivamente de fazer uma visita de despedida ao professor Vitus Loers, conhecido pelas suas opiniões reaccionárias e que havia sido nomeado adjunto do director com o encargo especial de exercer uma vigilância política no liceu.

A composição de fim de estudos, escrita por Marx, em Agosto de 1835, sobre o tema *Reflexão de Um Jovem Perante a Escolha de*

*Uma Profissão* <sup>7</sup>, é esclarecedora quanto às ideias que nessa época o dominavam. O jovem Marx fala aí da necessidade de escolher uma profissão que permita trabalhar pela felicidade da humanidade. Sabia que tal escolha não era fácil. Nem sempre podemos escolher a profissão para que nos cremos vocacionados, «as nossas relações na sociedade em certa medida já começaram a estabelecer-se antes de estarmos em condições de as determinar» <sup>8</sup>. Simultaneamente afirma apaixonadamente que não nos devemos fechar num quadro estreitamente egoísta, mas procurar as vias e os meios que permitam servir os homens. «Se o [homem] trabalha apenas para si próprio, poderá porventura tornar-se um erudito célebre, um grande sábio ou um excelente poeta, mas nunca será um homem completo, verdadeiramente grande... Se escolhermos uma profissão em que possamos trabalhar ao máximo pela humanidade», escrevia o jovem Marx, «... não fruiremos, então, uma alegria pobre, limitada, egoísta, mas a nossa felicidade pertencerá a milhões [de pessoas].» <sup>9</sup>

Esta profissão de fé traduzia a influência exercida sobre Marx pelas ideias humanistas dos filósofos das Luzes. É certo que as tendências liberais e humanistas do jovem Marx eram ainda bastante vagas; a colisão com a ordem de coisas reaccionária que dominava na Alemanha de então, o trabalho contínuo do seu espírito ávido de saber, ajudaram Marx a dar ainda mais um passo em frente.

## ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS EM BONA E BERLIM

Heinrich Marx depositava grandes esperanças em Karl. Destinava-o a uma carreira científica. «Para o teu bem e para o da tua família e, se os meus pressentimentos me não enganam, para o da humanidade...», escrevia ao filho, «tens ainda muito para viver.» <sup>10</sup>

Em Outubro de 1835, Marx inscreveu-se na Faculdade de Direito da Universidade de Bona. Lançou-se ao estudo com todo o entusiasmo da sua juventude. Nas suas cartas, o pai aconselhava-o mesmo a não se esgotar por excesso de trabalho. Marx inscreveu-se em diversas cadeiras e comprou uma enorme quantidade de livros, principalmente obras de história. Além das cadeiras de direito, seguia as de mitologia grega e romana, assim como cadeiras sobre Homero e sobre a história da arte moderna. Dotado de uma imaginação ardente e do desejo de criar, começou a experimentar as suas forças nas letras: escreveu poemas, aderiu a um clube de poetas da Universidade, que se correspondia com um círculo do mesmo género da Universidade de Göttingen. Os estudantes da Universidade de

Bona, tal como os das outras universidades alemãs, agrupavam-se em associações regionais. Marx tornou-se membro da associação dos estudantes originários de Trier e rapidamente foi eleito para membro da sua presidência. Chegou até nós uma litografia representando os membros da associação e, entre eles, o jovem Marx com a sua espessa cabeleira negra.

Não há dúvida de que, enquanto estudante, Marx repensou as noções tradicionais que nele tinham sido inculcadas pela escola e, em parte, pela família. Parece que as suas reflexões terão sido expressas em cartas ao pai que não chegaram até nós. Em resposta a uma dessas cartas, Heinrich Marx, provavelmente desejoso de dissipar as sérias dúvidas do filho quanto à questão de saber se a religião podia servir de base à moral, escrevia: «Sabes bem que não sou um fanático. Mas, cedo ou tarde, esta fé é de verdadeira necessidade para o homem.»<sup>11</sup> E como argumento de apoio à sua afirmação citava ao filho o exemplo dos grandes sábios Newton e Leibniz, que acreditavam em Deus. Mas já não era possível deter o pensamento crítico de Marx com argumentos de autoridade.

Marx permaneceu apenas durante dois semestres na Universidade de Bona. Depois, a conselho do pai, decidiu continuar os estudos na Universidade de Berlim, onde proferiam lições os mais destacados especialistas de jurisprudência.

Antes da sua partida, Marx passou as férias do Verão de 1836 na casa paterna. Foi então que começou a namorar Jenny von Westphalen, sua amiga de infância. Jenny, nascida em 1814, era filha do conselheiro privado Ludwig von Westphalen. O seu avô, militar destacado, conselheiro do duque de Braunschweig, tinha casado com uma escocesa, descendente de uma família da alta nobreza. Mas o pai de Jenny era desprovido da arrogância das pessoas «bem-nascidas», que caracterizava certos membros da sua família, designadamente o seu filho mais velho, Ferdinand, meio-irmão de Jenny, que se tornaria ministro da Prússia. Ludwig von Westphalen tinha-se tornado amigo do «plebeu», do judeu convertido Heinrich Marx, tendo ganho afeição ao filho deste. Foi através de Westphalen que o jovem Marx teve o seu primeiro contacto com a doutrina de Saint-Simon. Karl Marx guardou sempre um profundo reconhecimento ao conselheiro de Trier, considerando-o um dos seus mestres: alguns anos mais tarde, dedicar-lhe-ia a tese de doutoramento. A mãe de Jenny, Karoline von Westphalen, oriunda de uma família de funcionários, era muito bondosa e de uma extrema simplicidade. Os filhos mais novos, Jenny e Edgar (companheiro de liceu e amigo de Marx), herdaram dos pais a ausência de preconceitos de classe. Jenny, inteligente, educada, considerada a mais bela rapariga de

Trier e a rainha dos bailes — alguns anos mais tarde, Marx escrevia-lhe de Trier: «É diabolicamente agradável para um homem quando a sua mulher continua a viver na fantasia de toda uma cidade como 'princesa encantada'»<sup>12</sup> —, decidiu sem hesitações ligar a sua sorte à de um jovem estudante pertencente a uma família que não era nem rica nem pobre, rejeitando as «vantajosas» propostas dos pretendentes do seu próprio meio.

Ainda crianças, Marx e Jenny tinham-se ligado por uma profunda amizade. Mas, com o tempo, esse sentimento transformou-se em amor. O jovem de temperamento vivo, ardente, e a rapariga sensível, de uma grande nobreza de coração e de fino tacto, estavam ligados não só por sentimentos ternos mas também por profundas afinidades espirituais. Jenny apreciava o talento e a natureza rica de Marx. Ela própria sempre desejou ser totalmente digna do seu Karl. Marx adorava a eleita do seu coração e, como outros antes dele, procurou traduzir em verso os seus sentimentos. Escreveu três cadernos de poemas dedicados à namorada. Como em todos os principiantes, encontram-se aí muitos pontos de exclamação e hipérboles grandiloquentes, a propósito das quais o próprio Marx, mais tarde, ironizou. Mas em certas estrofes o seu sentimento exprimia-se com um lirismo sincero.

*Da ward ich tief gebunden,  
Da ward mein Auge klar,  
Da hatte ich gefunden,  
Was dunkles Streben war.*

*Was nicht mein Geist erflogen,  
Getrieben vom Geschick,  
Das kam ins Herz gezogen  
Von selbst mit deinem Blick.\*<sup>13</sup>*

Durante certo tempo, o namoro de Marx e Jenny von Westphalen foi mantido secreto, por temor de que os pais de Jenny se opusessem ao casamento. Antes de obter o direito de casar com o homem que amava, Jenny teve de travar uma luta prolongada e pe-

\* Ao ficar profundamente ligado [a ti]. / O meu olhar tornou-se claro, / Encontrei, então, / O que [apenas] era desejo obscuro. / O que meu espírito, empurrado pelo destino, / Não tinha conseguido, / Entrou por si no meu coração, / [Trazido] pelo teu olhar.

nosa com a família. Namoraram durante sete anos, até se tornar, enfim, possível o casamento. Entretanto, muitas coisas tinham mudado: em 1838, morreu Heinrich Marx, que aprovara a escolha de Karl; e, em 1842, morria também Ludwig von Westphalen, que tinha por Karl sentimentos paternais.

Em Outubro de 1836, Marx dirigiu-se para Berlim, onde se inscreveu na Faculdade de Direito da Universidade. Na capital prussiana defrontou-se com as agudas contradições da realidade alemã de então: dominação dos *Junkers*, desigualdade política da burguesia, miséria das largas massas populares. No corpo docente da Universidade de Berlim existiam numerosos sábios. Ainda recentemente Hegel tinha sido titular da cátedra de Filosofia. Na Faculdade de Direito, Marx seguiu o curso de Eduard Gans, jurista eminente, conhecido pelas suas opiniões progressistas, que o classificou como «notavelmente aplicado». <sup>14</sup> Não é de excluir que, em 1838, Marx tenha participado numa manifestação de estudantes organizada em honra de Gans, diante da casa deste e no dia do seu aniversário. Esta manifestação despertou as atenções da polícia.

De início, Marx levou uma vida muito retirada em Berlim. Trabalhava ainda mais duramente que em Bona. «Chegado a Berlim», escreveu ele mais tarde a seu pai, «cortei com todas as relações que até então mantinha, fiz apenas umas raras visitas a contragosto e procurei mergulhar na ciência e na arte.» <sup>15</sup> Como resultado, além dos três cadernos de sonetos e outros poemas dedicados a Jenny, um número bastante grande de baladas, romanzas e epigramas.

Em muitas das suas obras poéticas, Marx faz-se eco do espírito de revolta provocado pelo romantismo revolucionário. Tentou também o teatro (com uma tragédia em verso, *Oulanem* [*Ulanos*]) e até um romance satírico *Scorpion und Felix* [*Escorpião e Félix*], sem concluir nenhum deles.

Os versos do jovem Marx não tinham grande valor artístico. Ele próprio se mostrou severo a respeito das suas tentativas poéticas, nas quais apenas encontrava uma qualidade: um certo calor de sentimentos. De todos os escritos desta veia poética apenas *Wilde Lieder* [*Cantos Selvagens*] foram publicados, em 1841, na revista *Athenäum* <sup>16</sup>. Mas estas obras de juventude apresentam um grande interesse biográfico. Estes versos mostram-nos um jovem a quem o mundo onde vive não satisfaz e que aspira à acção, ao combate. Ignora ainda em que direcção agir, mas compreende com todo o seu ser que não devemos vegetar, que não devemos contentar-nos com o que o destino nos oferece, que não devemos seguir pelos caminhos já trilhados.

*Nimmer kann ich ruhig treiben,  
Was die Seele stark erfasst,  
Nimmer still behaglich bleiben,  
Und ich stürme ohne Rast.*

[...]

*Darum lasst uns alles wagen,  
Nimmer rasten, nimmer ruhn,  
Nur nicht dumpf so gar nichts sagen  
Und so gar nichts woll'n und tun.*

*Nur nicht brütend hingegangen  
Ängstlich in dem niedern Joch,  
Denn das Sehnen und Verlangen  
und die Tat, sie blieb uns doch. \* 17*

Por vezes, Marx confiava às musas a sua insatisfação pelos sistemas filosóficos abstractos e desligados da vida, o seu desejo de descobrir uma concepção do mundo que lhe permitisse uma real compreensão dos processos vitais e uma participação activa neles. Do próprio Marx se poderia dizer, em boa medida, o que ele dizia em verso a respeito de Hegel:

*Kant und Fichte gern zum Äther schweifen,  
Suchten dort ein fernes Land,  
Doch ich such' nur tüchtig zu begreifen,  
Was ich-auf der Strasse fand! \*\* 18*

Mas a principal ocupação de Marx em Berlim era a ciência e não a poesia. Na única carta dirigida ao pai que chegou até nós, datada de 10 de Novembro de 1837, informa-o dos livros que leu, das suas tentativas para sistematizar a imensa documentação estudada, das suas investigações teóricas. Esta carta testemunha a diversidade dos interesses de Marx já nesses anos, a sua enorme aplicação ao trabalho, a exigência que tinha para consigo e a sua atitude crítica para

\* Não posso nunca realizar na calma / O que a alma aprende com vigor, / Não posso nunca ficar despreocupado / E combato sem descanso. / [...] / Por isso arrisquemos tudo, / Sem tréguas nem repouso, / Mas não insensíveis a nada dizer / E mesmo a nada querer e fazer. / Não nos deixando cair em meditações / Temerosamente sob o jugo vil, / Porque a aspiração e o desejo / E a acção ainda nos resta.

\*\* «Kant e Fichte vagueiam de bom grado pelo éter, / Procuravam aí um país distante, / Eu, contudo, procuro apenas compreender, bem / Aquilo que encontrei na rua!»

com as suas próprias conclusões, que rejeitava impiedosamente logo que se convencia da sua inconsistência.

Ao mesmo tempo que estudava o direito, a história, a teoria das artes e línguas estrangeiras, Marx dedicava cada vez mais tempo ao estudo da filosofia. De início, era estimulado pela tentativa de redigir uma grande obra sobre a filosofia do direito. Mas é indubitável que o seu interesse pela filosofia era igualmente ditado pelo desejo de compreender a realidade da sua época, com todas as suas contradições.

### ESTUDO DA FILOSOFIA DE HEGEL. NO CÍRCULO DOS JOVENS HEGELIANOS

Durante os seus estudos, Marx convenceu-se da total inanidade teórica das tentativas de explicar o mundo a partir das posições do idealismo subjectivo. O desejo de explicar a realidade a partir das leis internas que lhe são próprias ou, como então se exprimia Marx, que professava as ideias do idealismo filosófico, de procurar a ideia na própria realidade, levou Marx até à filosofia de Hegel. «... O próprio objecto tem de ser surpreendido no seu desenvolvimento, não devem ser introduzidas divisões arbitrarias», escrevia Marx <sup>19</sup>.

Na filosofia de Hegel encontraram expressão os grandes abalos que se tinham verificado na Europa nos fins do século XVIII e princípios do século XIX, ligados à profunda transformação das relações sociais feudais no seguimento da revolução francesa. Estes processos sociais, bem como o impetuoso desenvolvimento das ciências, principalmente das ciências da natureza, assestaram um sério golpe no velho modo de pensar metafísico. Engels escreveria mais tarde: «... O verdadeiro significado e o carácter revolucionário da filosofia de Hegel... residiram, precisamente, em que ela, de uma vez por todas, deu o golpe de misericórdia no carácter definitivo de todos os resultados do pensar e do agir humanos.» <sup>20</sup> O grande mérito de Hegel foi o de ter sido o primeiro a elaborar sistematicamente o método dialéctico.

Na filosofia de Hegel, o mundo apresenta-se como um todo uno em constante desenvolvimento, do inferior para o superior. Para Hegel, o desenvolvimento faz-se ultrapassando as contradições internas, pela luta entre elas, que leva à passagem a um novo grau ou, então, à abolição das velhas contradições e ao aparecimento de outras novas, próprias da nova qualidade. O processo de desenvolvimento apresenta-se como a unidade da continuidade e da desconti-

nuidade, das modificações quantitativas graduais e de «soluções de continuidade», dos saltos que significam a passagem a uma nova qualidade. Hegel aplicava este princípio, antes do mais, ao domínio da história da sociedade humana. Segundo Hegel, a história mundial representa o processo lógico do desenvolvimento do espírito e o sentido deste desenvolvimento é a tomada de consciência pelo espírito da sua liberdade.

A dialéctica hegeliana tinha, contudo, uma base idealista. Hegel proclamava que o fundamento de todo o ser era a Ideia absoluta e reconduzia todo o movimento dialéctico ao autodesenvolvimento desta Ideia. Para Hegel — escrevia Engels — «a Ideia absoluta... 'aliena-se' na natureza, quer dizer, transforma-se nela e, mais tarde, volta a si própria no espírito, ou seja, no pensar e na história»<sup>21</sup>. O conhecimento da Ideia absoluta é atingido na filosofia de Hegel, proposta como verdade absoluta. Erigindo o seu próprio sistema filosófico em ponto final do desenvolvimento do pensamento humano e de todo o desenvolvimento em geral, Hegel opunha-se ao seu próprio método dialéctico, que exigia que todos os fenómenos fossem considerados em perpétuo movimento, em ininterrupta transformação. A estreiteza da filosofia de Hegel manifestava-se, em particular, nas suas opiniões políticas. Hegel proclamou que, do ponto de vista político, a monarquia representativa, cuja tarefa era «melhorar» um pouco o Estado prussiano, adaptando-o às necessidades da burguesia, era o coroamento do desenvolvimento da sociedade humana. Deste modo, o lado revolucionário do método dialéctico de Hegel era sacrificado às exigências do sistema metafísico conservador.

A contradição entre o método dialéctico de Hegel e o seu sistema metafísico reflectia o carácter híbrido e ambíguo da concepção do mundo da burguesia alemã que, ao mesmo tempo que desejava desembaraçar-se dos laços feudais, temia, contudo, as formas revolucionárias de luta e tendia para um compromisso com as forças da reacção.

Já antes da sua chegada a Berlim Marx se tinha iniciado na filosofia de Hegel, mas só na Primavera de 1837 se dedicou a estudar seriamente as suas obras. Nessa época, Marx, cuja saúde estava bastante abalada pelas noites em claro ocupadas a estudar, repousava em Stralau, nos arredores de Berlim. Estudou Hegel «do princípio ao fim, juntamente com a maioria dos discípulos dele»<sup>22</sup>.

Esboçava-se, entretanto, uma cisão entre os discípulos do filósofo, que morreu em 1831. Alguns deles (Hinrichs, Gabler, Göschel e outros) intervinham como acérrimos defensores da religião. Estes hegelianos de direita interpretavam a filosofia de Hegel num espírito de ortodoxia cristã e, no conjunto, justificavam o regime político existente.

Os representantes da ala esquerda da escola hegeliana, os jovens hegelianos (designadamente David Strauss, os irmãos Bruno e Edgar Bauer, Arnold Ruge, Ludwig Feuerbach), esforçavam-se, nos seus trabalhos, por tirar da filosofia hegeliana conclusões radicais. Rejeitando a interpretação conservadora e religiosa daquela filosofia, os jovens hegelianos criticavam os dogmas cristãos e a religião no seu conjunto. David Strauss foi o primeiro a fazê-lo, na sua obra em dois volumes *Das Leben Jesu* [A Vida de Jesus] (que surgiu em 1835-1836): abordou os Evangelhos como um conjunto de mitos surgidos espontaneamente e exprimindo as esperanças e as aspirações das comunidades cristãs primitivas. Em oposição a ele, Bruno Bauer considerava os Evangelhos produto de uma criação consciente dos seus autores e reflectindo uma etapa do desenvolvimento da consciência humana universal, etapa que devia ser ultrapassada pela humanidade no curso do seu ulterior desenvolvimento e do aperfeiçoamento da consciência. Na sua crítica da religião e dos Evangelhos, Bauer ia mais longe do que Strauss: punha em dúvida não apenas o carácter divino mas a própria existência de Jesus Cristo, ligando a origem da cristandade à vida espiritual e às correntes filosóficas da Antiguidade.

A querela, teológica quanto à forma, entre os jovens hegelianos e os defensores ortodoxos da religião tinha um claro conteúdo político: negar a religião como revelação divina, declarar que ela era o produto do desenvolvimento do espírito humano, era minar um dos mais importantes pilares do regime absolutista. Preconizando a transformação da realidade pela crítica, os jovens hegelianos tinham dado um passo em frente ao passarem da crítica da religião para a crítica da política, da ideologia do romantismo reaccionário e do absolutismo prussiano. Os jovens hegelianos tinham, pois, atribuído a si próprios o papel de filósofos da burguesia radical alemã.

A principal debilidade da filosofia jovem-hegeliana era o idealismo dos seus representantes. Além disso (e ao contrário de Hegel), tendiam para uma concepção subjectivista da história. A fé na onipotência da crítica teórica, a convicção de que só o pensamento crítico de personalidades eminentes podia assegurar o progresso da consciência humana — e, portanto, como os jovens hegelianos acreditavam, todo o progresso em geral —, fazia-os subestimar a importância da actividade prática dos homens e, designadamente, a acção das massas populares.

Marx travou conhecimento com os jovens hegelianos quando frequentava a Universidade de Berlim. A audácia com que eles submetiam à crítica dogmas religiosos e filosóficos, incontestáveis aos olhos da pequena burguesia, o radicalismo das convicções polí-

ticas de muitos deles, a defesa da liberdade de consciência, de imprensa, etc., tudo isto suscitava a simpatia do jovem Marx. Travou amizade com os membros do círculo dos jovens hegelianos de Berlim, o *Doktorclub* [Clube dos Doutores], de que Bruno Bauer, então professor auxiliar de Teologia na Universidade de Bona, era a alma. Entre os membros do círculo contavam-se o professor de História Karl Friedrich Köppen, profundo conhecedor e grande admirador da época das Luzes, que rapidamente se tornaria amigo íntimo de Marx, o professor de Geografia Adolf Rutenberg e outros.

Marx tornou-se rapidamente um dos dirigentes espirituais do Clube dos Doutores. Os seus vastos conhecimentos, a força da sua lógica, a profundidade e a perseverança na defesa das suas conclusões provocavam admiração, mesmo por parte de pessoas mais velhas e gozando já de certo prestígio. Não se limitavam a tratar Marx como um igual: muitos reconheciam abertamente a sua superioridade. Marx exerceu forte influência sobre Köppen, que lhe dedicou a sua obra, publicada em 1840, *Friedrich der Grosse und seine Widersacher* [Frederico, o Grande, e os Seus Adversários]. Moses Hess, destacado jovem hegeliano, escreveria um pouco mais tarde, em 1841, ao seu amigo Auerbach: «... Deves preparar-te para conhecer um muito grande, se não *único, filósofo autêntico* da nossa época... O doutor Marx, assim se chama o meu ídolo, é ainda um homem muito jovem (tem uns 24 anos), que dará o golpe de misericórdia na religião e na política medievais; alia a mais profunda seriedade filosófica ao humor mais fino; pensa em Rousseau, Voltaire, Holbach, Lessing, Heine e Hegel, reunidos numa só pessoa — digo: *reunidos* e não misturados — e terás o Dr. Marx.»<sup>23</sup> A opinião de Hess era partilhada por muitos.

## A TESE DE DOUTORAMENTO

Em princípios de 1839, Marx mergulhou completamente no estudo da história da filosofia. Empreendeu um vasto estudo do pensamento filosófico da Antiguidade, designadamente de correntes como as da escola da Epicuro, o estoicismo e o cepticismo. A escolha do tema era determinada pelo interesse geral que os jovens hegelianos tinham por estes sistemas filosóficos (que eles consideravam como precursores da filosofia da consciência de si) e, sobretudo, pelo círculo de interesses do próprio Marx. Impregnando-se de ideias ateístas, era naturalmente atraído pela filosofia de Epicuro, um dos maiores pensadores da Antiguidade, que ele considerava o maior iluminista [*Aufkläre*] grego<sup>24</sup>. Marx manifestava um profun-

do interesse pelas correntes filosóficas que estudavam os problemas morais, a atitude do homem perante o mundo que o rodeia. Finalmente, as investigações histórico-filosóficas ajudavam Marx a resolver o problema que o preocupava: qual a atitude da filosofia perante o mundo exterior? Justifica ela como legítimo e necessário tudo o que existe, ou contém ela aquilo que deve ser, o oposto do que existe? Assim, já nas suas primeiras investigações científicas, Marx era guiado, não por interesses abstractos, puramente teóricos, mas pela necessidade de elaborar uma filosofia que lhe permitisse responder à questão que o atormentava: como libertar o homem da sujeição, como torná-lo livre?

O primeiro fruto destes estudos foram sete cadernos de trabalhos preparatórios, redigidos em 1839 e hoje conhecidos pelo título de *Hefte zur epikureischen, stoischen und skeptischen Philosophie* [Cadernos para a Filosofia Epicúria, Estóica e Céptica]. Nestes Cadernos Marx põe a nu a incompatibilidade entre a filosofia e a religião. Já nesse tempo considerava a filosofia uma força activa, capaz de influir sobre o mundo. «... Tal como Prometeu que, uma vez roubado o fogo do céu, começa a construir casas e a instalar-se na terra, também a filosofia que se alargou ao mundo se volta contra o mundo que aparece», escreveu ele <sup>25</sup>.

Era precisamente a partir das posições de uma filosofia que intervém activamente sobre a vida que Marx criticava certos discípulos de Hegel, que afirmavam que «a mediocridade é a manifestação normal do Espírito absoluto» <sup>26</sup>. Ao defender a ideia das larguíssimas possibilidades cognitivas da filosofia e da sua grande influência sobre o mundo, do poder da razão humana, Marx troça sarcasticamente dos representantes dos sistemas filosóficos que proclamam a incapacidade de o espírito humano conhecer a essência das coisas e que pregam a admiração cega pelos fenómenos ditos incognoscíveis. Marx contava no número destes filósofos os agnósticos kantianos que, na sua certa expressão, eram sacerdotes profissionais da ignorância, cuja «ocupação diária é desfiar um rosário sobre a sua própria impotência e a potência das coisas» <sup>27</sup>.

O radicalismo e a liberdade de espírito do jovem Marx manifestaram-se principalmente na maneira de abordar a filosofia de Epicuro. De entre as opiniões deste pensador antigo, Marx destacava a sua maneira de compreender os problemas da liberdade e apreciava enormemente a aspiração à liberdade e à independência de espírito, a libertação dos entraves que a religião, os preconceitos e o temor do além representam, aspectos que se manifestavam com brilho em Epicuro. Marx notava também no filósofo e poeta romano Lucrecio traços análogos que se lhe impunham.

No que respeita à polémica entre Epicuro e Plutarco, em que este acusara o primeiro de ateísmo, Marx toma a defesa da filosofia de Epicuro, solidarizando-se com as suas conclusões ateístas. Apoiava as opiniões dos ateus da Antiguidade, segundo os quais na religião os homens atribuem as suas próprias qualidades a um ser supremo, a um deus.

Durante todo o ano de 1839 e parte do de 1840, Marx trabalhou afincadamente nos problemas da história da filosofia da Antiguidade. Em princípios de 1841, tomou como tema da sua tese de doutoramento a *Diferença da Filosofia da Natureza de Demócrito e de Epicuro*. Tinha já estudado toda uma série de problemas nos *CADERNOS*. A própria formulação do tema continha uma polémica com Hegel, que, visivelmente, alimentava preconceitos a respeito do atomismo da Antiguidade e do materialismo de Demócrito, de Epicuro e de Lucrecio. No prefácio da tese, redigido em Março de 1841, Marx censura Hegel por ter subestimado estes sistemas filosóficos, sublinhando que eles «são a chave para a história verdadeira da filosofia grega»<sup>28</sup>.

Na sua tese, Marx dá um elevado valor ao papel que as ideias filosóficas dos grandes atomistas gregos Demócrito e Epicuro desempenharam no desenvolvimento espiritual da humanidade. Um dos méritos de Marx foi o de ter destacado os elementos de dialéctica presentes no sistema filosófico de Epicuro. Sublinhou, designadamente, a doutrina de Epicuro sobre a declinação espontânea dos átomos, que considerava como expressão do princípio dialéctico do automovimento. O princípio da declinação é tratado por ele como um princípio de actividade, de acção. «Assim com o bem é a fuga perante o mal, o prazer é o desviar-se ante a dor.»<sup>29</sup> Confrontando as opiniões de Demócrito e Epicuro sobre a natureza, Marx dava preferência a Epicuro, cuja filosofia servia de base às suas concepções morais e, principalmente, à sua doutrina sobre a liberdade. Marx abordou os problemas morais a partir das posições de uma ingerência activa da filosofia na vida. Pronunciava-se pela transformação do mundo irracional; sublinhava o princípio da unidade dialéctica da filosofia e da vida. «... O tornar-se filosófico do mundo é, ao mesmo tempo, um tornar-se mundano da filosofia..., a sua realização é, ao mesmo tempo, a sua perda...»<sup>30</sup> Queria significar com isto que a filosofia, confundindo-se com a vida, se elevava a um novo grau, superior, mas, simultaneamente, deixava de ser uma teoria pura e encarnava nas acções práticas. Vemos aqui os primeiros gérmenes da futura concepção da unidade da teoria e da prática.

Na sua tese, Marx faz progressos no desenvolvimento das suas opiniões ateístas. Todo o seu trabalho estava impregnado de um

combativo espírito ateu e de ódio às superstições, visando toda a filosofia reaccionária tendente a amarrar a investigação científica ao quadro da religião, a subordiná-la aos interesses da religião. No prefácio da tese, Marx proclamou abertamente que o ateísmo era o seu credo. E escreveu, referindo-se à filosofia progressista: «A filosofia, enquanto uma gota de sangue ainda pulsar no seu coração... gritará com Epicuro, aos seus adversários:

Ἄσεβης δὲ, οὐχ ὁ τοὺς τῶν πολλῶν θεοὺς ἀναιρῶν, ἀλλ' ὁ τὰς τῶν πολλῶν δόξας θεοῦ προσάπτων. [Ímpio não é aquele que repudia os deuses do vulgo, mas aquele que empresta aos deuses as opiniões do vulgo]... A profissão de fé de Prometeu: ἀπλῶ λόγῳ, τοὺς πάντας ἐχθαίρω θεοὺς [numa palavra, odeio todos os deuses], é a sua própria profissão de fé, a sua própria sentença contra todos os deuses celestes e terrenos...» <sup>31</sup>

Na sua tese, Marx sublinhava que todas as pretensas provas sobre a existência dos deuses mais não eram que vãs tautologias. Simultaneamente, compreendia que, embora a concepção religiosa do mundo seja irracional, nem por isso a religião deixa de ser uma força real. A tarefa da ciência autêntica, que quer contribuir para o desaparecimento da religião, não consiste tanto em negar os dogmas desta mas em explicar a sua essência, as suas origens e a sua difusão. Marx concluiu que a crença nos deuses reflecte o primeiro grau de desenvolvimento da consciência humana, o nível primitivo do pensamento, ainda incapaz de compreender e de explicar os fenómenos envolventes e atribuindo-lhes, assim, qualidades sobrenaturais e irracionais. Indicava que «*para aquele para quem o mundo é irracional e que, portanto, é ele próprio irracional, para esse, deus existe*» <sup>32</sup>.

Nessa época, a defesa de uma tese na Universidade de Berlim era um processo muito complexo e oneroso. Por isso Marx enviou a sua tese para a Universidade de Jena. A 15 de Abril de 1841 recebeu o diploma de doutor em Filosofia.

A tese de doutoramento de Marx representa um marco importante na sua evolução ideológica. Embora permanecendo ainda idealista, hegeliano, defendia abertamente opiniões ateístas e proclamava o princípio da atitude activa da filosofia em relação à realidade. E, se bem que a autoridade de Hegel — «esse pensador gigantesco» <sup>33</sup>, como o designava — fosse ainda grande aos seus olhos, Marx tendia frequentemente a seguir o seu próprio caminho, chegando a conclusões diferentes das de Hegel. Na sua tese atacava já problemas que iriam ocupar um lugar importante na elaboração da sua concepção do mundo. Ao trabalhar depois no problema da relação entre a filosofia e a realidade, Marx chegaria rapidamente à

questão da relação entre o pensar e o ser. O ateísmo militante de Marx, que, pela sua própria natureza, era incompatível com o idealismo, facilitou a sua ulterior passagem ao materialismo.

## MARX E FEUERBACH

No mesmo ano em que Marx terminou a sua tese, um importante acontecimento ficou a assinalar a vida ideológica na Alemanha: a publicação do livro de Feuerbach *Das Wesen des Christentums* [A Essência do Cristianismo], que exerceria uma poderosa influência libertadora sobre os espíritos esclarecidos da época. Coube a Feuerbach ser o primeiro filósofo a ultrapassar, dentro de determinados limites, o idealismo dos jovens hegelianos. No seu livro, criticava a religião a partir das posições do materialismo e proclamava que a natureza existia independentemente da consciência humana. Ela é, precisamente, a base sobre a qual surgiram os homens, eles próprios produtos da natureza. Fora da natureza e do homem, dizia Feuerbach, nada existe; e os seres superiores, criados pela fantasia religiosa do homem, são apenas o reflexo fantástico da própria essência do homem. Feuerbach mostrou que no conceito de deus o homem encarna todos os traços, que talvez não existam em cada indivíduo tomado em separado, mas que são próprios dos homens no seu conjunto, de toda a humanidade, do género humano, ou, segundo a terminologia de Feuerbach, do homem genérico. Feuerbach escrevia: «Acreditas no amor como propriedade divina, porque tu próprio amas; acreditas que Deus é um ser sábio e bom, porque não conheces nada de melhor em ti do que a bondade e o entendimento... Deus é, então, a essência do homem, intuída como verdade suprema.»<sup>34</sup> O homem deve, pois, reencontrar a sua essência humana, por ele própria alienada no conceito de deus.

Já nessa altura, certos traços da filosofia de Feuerbach eram contrários às tendências próprias da concepção do mundo que nascia no jovem Marx. O espírito contemplativo que caracterizava a filosofia de Feuerbach não correspondia à ideia que Marx fazia do destino da filosofia como factor activo; e o facto de Feuerbach subestimar a dialéctica opunha-se à compreensão profunda que Marx tinha do papel revolucionário do método dialéctico. Apesar disso, globalmente, acolheu com entusiasmo o livro de Feuerbach, como uma obra que alargava os horizontes cognitivos da ciência. As próprias ideias de Marx sobre a origem terrestre da religião atraíam-no para Feuerbach. Posteriormente, à medida que amadureciam as ideias materialistas de Marx, as concepções deste último representante da

filosofia alemã clássica, que tinha assestado um fortíssimo golpe na sua base idealista, exerceram uma influência cada vez maior sobre Marx.

É certo que naquela época, Marx, tal como muitos jovens hegelianos, tinha interpretado *A Essência do Cristianismo* principalmente como um manifesto de ateísmo radical, como uma refutação dos preconceitos religiosos muito mais consequente do que a que fora feita no livro de Strauss. Não tinha tomado consciência do conteúdo materialista daquela obra, porque no conjunto ainda era um idealista. Mas considerou as ideias de Feuerbach um passo importante para o conhecimento das relações humanas reais. E aquelas ideias foram um dos factores que contribuíram para a elaboração dos elementos materialistas da sua concepção do mundo. A obra de Feuerbach apenas reforçou a opinião de Marx de que a crítica da religião representa uma das etapas da apreensão crítica da ordem de coisas existente, uma das formas de luta pela libertação do homem da escravidão espiritual, etc. Mais tarde, falando da filosofia de Feuerbach, Marx escreveria a esse respeito: «A crítica da religião termina com a doutrina de que *o homem é o ser supremo para o homem*, portanto, com o *imperativo categórico de derrubar todas as relações* em que o homem é um ser rebaixado, um [ser] escravizado, um [ser] abandonado, um [ser] desprezível...»<sup>35</sup>

O jovem Marx considerou, pois, Feuerbach como um representante notável de uma filosofia de vanguarda, a quinta-essência «das mais subtis, preciosas e invisíveis seivas» do seu povo e da sua época<sup>36</sup>. Um dos principais objectivos que se atribuiu a si próprio foi o de defender abertamente tais ideias contra os ataques dos espíritos rotineiros e contra o obscurantismo, de as desenvolver e aprofundar.

### ENTRADA NA VIDA POLÍTICA. UM ARTIGO CONTRA A CENSURA PRUSSIANA

Uma vez concluída a sua tese de doutoramento, Marx acalentou diversos projectos. Propunha-se ensinar Filosofia, juntamente com B. Bauer, na Universidade de Bona, publicar, com a participação de Feuerbach, uma revista com o esclarecedor título de *Archiv des Ateismus* [Arquivos do Ateísmo] e redigir uma obra sobre a arte cristã. Em princípios de Julho de 1841, depois de uma estada de dois meses em Trier, Marx instalou-se em Bona. Aqui aproximou-se sobretudo de B. Bauer, a quem ajudou a redigir um panfleto ateu dirigido contra os hegelianos de direita e intitulado *Die Posaune des jüngsten Gerichts über Hegel* [A Trombeta do Juízo Final sobre Hegel].

Todavia, não se concretizaram as esperanças que Marx tinha de obter uma cátedra. O rei Frederico-Guilherme IV, que subiu ao trono em 1840 e de quem os meios oposicionistas esperavam que adoptasse uma linha liberal, rapidamente deu a entender que não deviam esperar dele reformas constitucionais. A mínima tentativa de crítica à monarquia prussiana era impiedosamente reprimida. Johann Jacoby foi acusado de alta traição por causa de uma brochura em que preconizava um regime representativo para a Prússia. B. Bauer foi afastado da Universidade de Bona.

A intensificação da repressão governamental e o fracasso das ilusões de certos jovens hegelianos quanto ao advento de um «monarca esclarecido» que, por sua própria vontade, introduziria uma Constituição e um regime liberal, determinaram a opção política dos representantes mais radicais desta corrente. Na primeira linha destes elementos radicais e democratas encontravam-se Marx, B. Bauer e A. Ruge. Marx tinha escolhido definitivamente a carreira de combatente político.

Com todo o entusiasmo da sua juventude lançou-se na luta frontal contra o absolutismo prussiano, pelas liberdades democráticas. Abandonou os trabalhos teóricos que iniciara e, em meados de Janeiro e princípios de Fevereiro de 1842, redigiu o artigo *Bemerkungen über die neueste preussische Zensurinstruktion* [*Observações Sobre o Mais Recente Decreto Prussiano Sobre a Censura*]. Esta primeira intervenção jornalística continha uma crítica virulenta da nova legislação prussiana sobre a censura que a imprensa governamental e, em parte, a própria imprensa da oposição moderada enalteciam, apresentando-a como um testemunho dos projectos ditos liberais do novo rei.

No seu artigo, Marx denunciava a verdadeira tendência deste decreto hipócrita. Declarava abertamente que o decreto, embora criando a aparência de um alargamento da liberdade de imprensa, na verdade apenas dava uma maior liberdade à censura reaccionária. E Marx escrevia: «É modo [de ser] do *liberalismo fictício*, que deixa que lhe arranquem concessões, sacrificar as pessoas, os instrumentos e as coisas para manter a instituição. A atenção de um público superficial é, assim, desviada.»<sup>37</sup> Um dos pontos centrais do decreto era a proibição absoluta de criticar a religião cristã. O governo procurava, assim, abafar toda a crítica ao regime existente, já que, naquela época, a crítica da religião era a principal forma de exprimir opiniões políticas oposicionistas.

Marx condenava o propósito do governo prussiano de subordinar a imprensa ao controlo total da censura. As leis que punem o modo de pensar, dizia, apenas podem ser promulgadas por um governo

que se crê possuidor exclusivo da sabedoria política e que se opõe ao povo. Um tal governo só pode apoiar-se na máquina burocrática e apenas terá confiança nos funcionários. Segundo Marx, o domínio da burocracia, dos funcionários arrogantes e onnipotentes, de que o regime existente consagrava todos os actos e intervenções, constituía o vício característico de todo o sistema político prussiano.

Deste modo, Marx ligava a crítica das condições da censura a uma condenação categórica e consequente do conjunto das instituições do Estado prussiano e dos vícios do regime feudal absolutista.

E Marx tirava esta conclusão, que tinha um ressonância revolucionária: «A cura radical própria para a censura seria a sua abolição, porque este instituto é mau...»<sup>38</sup> Não só esta conclusão como também toda a marcha dos raciocínios sugeriam ao leitor a ideia de que na Alemanha o regime social tinha necessidade de uma transformação radical e não apenas de aperfeiçoamentos parciais. É certo que, naquela altura, Marx ainda não tinha uma ideia clara das forças motrizes e dos objectivos de classe dessa transformação. Mas este início da sua actividade como publicista revolucionário já reflectia claramente as suas concepções revolucionárias e democráticas.

Dado o regime de censura então existente na Alemanha, o artigo de Marx não podia ser publicado. Apareceu apenas em 1843, no primeiro volume da colectânea *Anekdotia zur neuesten deutschen Philosophie und Publicistik* [Inéditos para a Mais Recente Filosofia e Publicística Alemãs], publicada por Ruge na Suíça.

### COLABORADOR E CHEFE DA REDACÇÃO DA «GAZETA RENANA»

As suas opiniões democráticas revolucionárias incitavam Marx a procurar um largo campo de actividade, uma tribuna para a difusão das suas ideias. Tornou-se colaborador do órgão oposicionista *Rheinische Zeitung* [Gazeta Renana], que começou a aparecer em Janeiro de 1842, na cidade de Colónia. Este jornal tinha sido criado e era financiado por alguns representantes da grande burguesia renana: Ludolf Camphausen, David Hansemann e outros dirigentes da oposição liberal. Desejosos de assegurar a colaboração de bons escritores, os editores do jornal dirigiram-se aos meios radicais, designadamente aos jovens hegelianos. Entre os liberais renanos e os representantes desta corrente filosófica concluiu-se uma espécie de pacto secreto contra o inimigo comum. Por recomendação de Marx, cuja opinião já fazia autoridade nos meios políticos da Renânia, foi nomeado chefe da redacção da *Gazeta Renana* o jovem hegeliano

Adolf Rutenberg, de Berlim. Colaboravam também no jornal publicistas jovens hegelianos como os irmãos Bauer, Hess e Köppen. Todavia, de início, a orientação do jornal foi bastante confusa, predominando os pontos de vista liberais. Não teve grande êxito junto dos leitores. Em Janeiro de 1842 possuía apenas 400 assinantes.

A colaboração de Marx na *Gazeta Renana* começou em Maio de 1842, quando aí publicou o primeiro artigo de uma série sobre o *Landtag* renano. Este artigo causou enorme impressão na Alemanha. A partir do Verão de 1842, Marx participou ainda mais activamente no jornal. Não só publicava aí os seus artigos como passou a exercer uma influência sempre crescente na redacção. Em meados de Outubro de 1842, o trabalho do jornal levou Marx a instalar-se em Colónia. E, a partir de 15 de Outubro de 1842, tornou-se o seu chefe de redacção.

Depois de Marx ter assumido a direcção do jornal, este começou a adquirir um carácter cada vez mais acentuadamente democrático-revolucionário, tendo-se tornado progressivamente mais virulenta a crítica ao absolutismo prussiano e aos seus defensores ideológicos. Esta primeira escola de trabalho prático permitiu a revelação de diversas facetas do talento de Marx, que se manifestaram tanto no seu trabalho de autor como na chefia da redacção: as suas capacidades de organizador, a sua perspicácia na escolha dos colaboradores do jornal, a sua imensa capacidade de trabalho e os seus dotes de escritor.

Como colaborador de um grande jornal, Marx deparava constantemente com problemas socioeconómicos. Participava nas reuniões semanais de colaboradores e nas reuniões dos membros do Conselho de Vigilância do jornal, nas quais eram vivamente discutidos os problemas sociais.

Marx conseguiu alargar o círculo dos colaboradores do jornal e aumentar de forma notável a sua popularidade. A influência do jornal em breve se estendeu para além dos limites da Província Renana, ultrapassando mesmo as fronteiras do reino da Prússia. Entre os seus correspondentes encontrava-se o jovem Engels, que enviava os seus artigos de Inglaterra. A *Gazeta Renana* tornou-se o porta-voz dos meios democráticos de toda a Alemanha. Aumentou a sua tiragem: enquanto em Agosto de 1842 apenas contava com 885 assinantes, em Novembro a sua tiragem atingia 1820 exemplares e em Janeiro de 1843 os 3400 exemplares, número considerável para aquela época. «O número de assinantes aumenta todos os dias quer na Alemanha quer no estrangeiro. E os amigos do progresso e da liberdade... dispõem de um órgão que defende os seus interesses», escrevia a respeito do jornal, em 12 de Dezembro de 1842, a *Mannheimer Abendzeitung* [*Gazeta da Tarde de Mannheim*].

Os artigos de Marx davam o tom ao jornal, cuja orientação começou a provocar uma séria inquietação no governo prussiano. Já depois da publicação do primeiro artigo de Marx sobre a actividade do *Landtag* renano, a censura acentuou as suas chicanas. O segundo artigo deste ciclo, que tinha por tema as relações entre a Igreja e o Estado, foi proibido. Em especial o artigo de Marx sobre a discussão no *Landtag* renano da lei sobre o roubo de madeira provocou a cólera das autoridades. Von Schaper, primeiro-presidente da Província Renana, decidiu chamar a tribunal o jornal «por crítica insolente e desrespeitosa das leis do país»<sup>39</sup>. O jornal foi ameaçado de proibição. A 30 de Novembro de 1842, Marx escrevia a Ruge que agora tinha de suportar, de manhã até à noite, as piores perseguições da censura, as papeladas ministeriais, as reclamações do primeiro-presidente, as queixas da Assembleia, os gritos dos accionistas, etc., etc., e que permanecia no seu posto unicamente porque considerava ser seu dever fazer fracassar, tanto quanto dele dependesse, a realização dos desígnios do Poder<sup>40</sup>.

Marx tinha de dar provas de muito sangue-frio e de maleabilidade para, sem modificar a sua orientação, não dar à reacção prussiana motivos para proibir o jornal.

### AS IDEIAS DEMOCRÁTICAS E REVOLUCIONÁRIAS NA PUBLICÍSTICA DE MARX

Na violenta polémica em torno dos problemas políticos e sociais da Alemanha ganhavam raízes as opiniões democráticas e revolucionárias de Marx e aperfeiçoava-se a sua pena de publicista revolucionário.

Os artigos de Marx estavam impregnados da ideia da iniquidade do regime existente, denunciando os argumentos dos seus apologistas que preconizavam «o direito ao poder arbitrário»<sup>41</sup>. Desses artigos emanava uma profunda confiança no progresso, no triunfo inevitável do novo sobre tudo o que era velho e caduco. As palavras de Marx sobre a literatura da época revolucionária, que na sua crítica impiedosa se apoia no «*auto-sentimento da vida nova que demole o demolido, rejeita o rejeitado*»<sup>42</sup>, podem e devem ser também aplicadas aos seus artigos.

No primeiro artigo publicado na *Gazeta Renana*, com o título *Debatten über Pressfreiheit und Publikation der Landständischen Verhandlungen* [Debates sobre a Liberdade de Imprensa e a Publicação das Actas dos Estados Provinciais], Marx abordou o problema da censura e da liberdade de expressão, segundo ele próprio, de

um ponto de vista diferente do das *Observações Sobre o Mais Recente Decreto Prussiano Sobre a Censura*. Se antes tratara o problema da liberdade de imprensa de um ponto de vista geral, agora ligava-o à liberdade de imprensa para os diferentes grupos e estados sociais. Estendeu a crítica do regime feudal e absolutista da Prússia não apenas às condições dadas à imprensa e características desse regime mas também às suas próprias bases sociais: a dominação da nobreza e os privilégios de estado [ou ordem social] que penetravam nas instituições políticas e na administração prussianas. Atacou decididamente os próprios princípios da representação por estados, mostrando o seu carácter antipopular.

O *Landtag* renano era uma instituição de estados, tipicamente feudal, em que dominava a nobreza; era uma miserável paródia do regime representativo. A província cujos interesses o *Landtag* era obrigado a defender, dizia Marx, «tinha de lutar, não tanto através mas contra os seus representantes»<sup>43</sup>.

Também nas discussões sobre a liberdade de imprensa se manifestou o carácter de estado do *Landtag*. Os delegados dos príncipes e da nobreza pronunciaram-se contra a liberdade de imprensa, nomeadamente com o pretexto de que essa liberdade contribuía para o desencadear da revolução. Marx denunciou as tentativas de atribuir a intrigas mal-intencionadas o desencadear da revolução e mostrou que esta era um processo lógico e objectivo. As revoluções não são provocadas pela liberdade de imprensa, do mesmo modo que o movimento dos astros não é provocado pela luneta do astrónomo<sup>44</sup>.

A crítica da posição ambígua dos representantes da burguesia no *Landtag* era característica dos escritos jornalísticos de Marx. Ele dava-se perfeitamente conta de que esses representantes eram movidos por sórdidos interesses de classe, de que se tratava de uma «oposição de burguês [*Bourgeois*], e não de cidadão [*Citoyen*]»<sup>45</sup>.

Contrariamente ao burguês, Marx solidarizou-se com o deputado camponês ao *Landtag* e contrapôs abertamente «a sua opinião decidida, virilmente digna»<sup>46</sup>, às miseráveis tentativas dos adversários da liberdade de imprensa. Sublinhou que a luta pela liberdade não consistia em vãs lamentações e em humildes súplicas, mas que era necessário lutar por ela com lanças e machados.

O artigo mostra claramente a essência das ideias democráticas revolucionárias de Marx: ódio ao regime feudal-monárquico de estados, apelo à conquista das liberdades democráticas por todo o povo, crítica da tacanhez do liberalismo burguês alemão, acções revolucionárias decididas em vez da táctica liberal que votava as massas a uma espera passiva.

Marx lançou-se na batalha contra a ordem sociopolítica da Ale-

manha e contra os filósofos e historiadores reaccionários que a defendiam. Submeteu a uma violenta crítica, por exemplo, o romantismo reaccionário, cujos representantes (na Alemanha, o jurista Friedrich Stahl, o historiador Heinrich Leo e outros; e, no estrangeiro, os franceses Louis de Bonald e Joseph de Maistre, assim como o suíço Karl Ludwig von Haller) se tinham erguido contra as ideias do Iluminismo, lançado o anátema contra a revolução burguesa francesa e glorificavam a Idade Média. A escola histórica do direito (Gustav Hugo, Friedrich von Savigny, etc.) procurava justificar as instituições da nobreza feudal, invocando a imutabilidade das tradições históricas e dos institutos consagrados pelo tempo; proclamava-os produtos de um espírito popular particular que não podia ser explicado pela razão e muito menos tornar-se objecto de qualquer transformação.

No artigo *Das Philosophische Manifest der historischen Rechtsschule* [O Manifesto Filosófico da Escola Histórica do Direito], Marx denunciou o carácter reaccionário desta tendência e a sua hostilidade às ideias progressistas, principalmente à ideia do derrubamento revolucionário da ordem existente. Mais tarde, julgou ainda com mais severidade a escola histórica do direito, dizendo que ela era «uma escola que legitima a infâmia de hoje com a infâmia de ontem, uma escola que declara como rebelde cada grito do servo contra o chicote, desde que o chicote seja um chicote idoso, um [chicote] hereditário, um [chicote] histórico...»<sup>47</sup>

Nos artigos publicados na *Gazeta Renana*, Marx perfilha ainda concepções idealistas sobre a natureza e o papel do Estado, sobre as relações entre a actividade material e espiritual. Contudo, o desejo de interpretar a realidade com espírito crítico e de implantar os ideais de liberdade na própria realidade (e não na esfera do pensamento puro), o desejo de compreender e de defender os verdadeiros interesses do povo, incitavam Marx a chegar a uma compreensão mais profunda e concreta do mundo que o cercava (e, principalmente, das relações sociais), empurravam-no afinal para o materialismo.

Nas colunas do jornal, Marx formulou muitas ideias clarívidentes, designadamente sobre o papel das relações reais na formação das normas jurídicas. Estas ideias representaram um passo em frente na interpretação materialista dos fenómenos sociais. «A lei», escreveu num dos seus artigos, «apenas pode ser a imagem ideal, autoconsciente, da realidade, a expressão teórica, autonomizada, dos poderes vitais práticos.»<sup>48</sup>

Marx interessava-se profundamente pelos problemas sociais que agitavam os espíritos dos seus contemporâneos.

No dia a seguir àquele em que assumiu o lugar de chefe da

redacção da *Gazeta Renana* apareceu no jornal um artigo seu intitulado *Der Kommunismus und die Augsburger «Allgemeine Zeitung»* [O Comunismo e a «Gazeta Geral» de Augsburg]. Marx respondia aí à acusação de fazer propaganda das ideias comunistas, acusação lançada contra a *Gazeta Renana* pela *Allgemeine Zeitung*, jornal reaccionário de Augsburg. O artigo reconhecia a enorme importância que o problema do comunismo adquirira nos países europeus mais avançados, principalmente na Inglaterra e na França. O comunismo é um problema actual muito sério, um problema de «importância europeia»<sup>49</sup>. Mais do que isso, Marx começava a ter consciência do elo indestrutível existente entre as ideias do comunismo e a luta das massas proletárias que se desenvolvia nesses países. E escrevia: «Que o estado [*Stand*] que hoje nada possui exige participar da riqueza das classes médias é um facto que..., visivelmente para todos, percorre as ruas em Manchester, Paris e Lião.»<sup>50</sup> Não é por acaso que tais cidades são mencionadas. Manchester era um centro do cartismo; Paris e Lião eram teatro de acções revolucionárias do proletariado francês. Muitos ainda conservavam a recordação das insurreições dos tecelões de Lião em 1831 e 1834.

Consciente da importância do problema que se lhe colocava, Marx compreendia, como recordou mais tarde, que os conhecimentos que então tinha não lhe permitiam emitir uma opinião definitiva acerca do próprio conteúdo do socialismo e do comunismo<sup>51</sup>. Mas, tendo tomado já conhecimento das obras de Pierre Leroux, Victor Considérant e Proudhon, tinha-se apercebido das insuficiências teóricas das doutrinas destes representantes do pensamento socialista da época.

Criticou as doutrinas que se sucederam ao socialismo utópico, pelo seu carácter marcadamente dogmático, pelo seu desejo de proclamarem ao mundo uma verdade absoluta. «A *Gazeta Renana*», escrevia Marx, «...não reconhece a *realidade teórica* das ideias comunistas na sua figura actual pelo que tão-pouco pode desejar ou julgar possível a sua *realização prática*.»<sup>52</sup>

O jovem Marx não tinha tendência para as declamações, para impor à realidade receitas dogmáticas; tendia, sim, para o estudo aprofundado e persistente das contradições da vida real, a fim de encontrar o meio de as resolver. Nos anos seguintes, tendo analisado em profundidade as opiniões dos mais eminentes socialistas utópicos, soube apreciar os elementos racionais das suas doutrinas e utilizá-los com espírito criador na elaboração da teoria do comunismo científico.

Sérios problemas sociais foram levantados por Marx no artigo *Debatten über das Holzdiebstahlggesetz* [Debates a Propósito da

*Lei sobre os Roubos de Madeira*], publicado na *Gazeta Renana* a 25 de Outubro de 1842, como terceiro artigo de uma série intitulada *Os Debates do 6.º «Landtag» da Renânia*. Desta vez, não assumiu apenas a defesa dos interesses do conjunto da sociedade contra os interesses privados mas a defesa dos interesses «da massa pobre, política e socialmente sem posses»<sup>53</sup>. O seu democratismo revolucionário adquiria assim uma tonalidade social bastante mais definida. A defesa dos interesses das largas camadas de trabalhadores, oprimidas pelo regime, tornara-se a sua bandeira.

Mostrou que o *Landtag* renano, ao apoiar o novo projecto de lei (que agravava as penas pelos cortes de madeira e previa medidas draconianas contra os pobres simplesmente por estes apanharem lenha), defendia apenas os proprietários das florestas, isto é, os proprietários privados, cujos interesses se opunham aos das massas trabalhadoras sem posses. Ao fazer isto, Marx começava a compreender que, não só o *Landtag*, mas todo o Estado agia em favor dos proprietários privados. É certo que ainda não tinha abandonado a concepção idealista segundo a qual o Estado é o porta-voz dos interesses de toda a sociedade. Na sua opinião, a estrutura do Estado prussiano, com os seus privilégios de estados sociais e o seu sistema burocrático e policial, era tal que o próprio princípio, o próprio carácter do Estado, se perdia. Indignado escrevia que o Estado na Prússia «se rebaixa ao ponto de ser activo, não à sua maneira mas à maneira da propriedade privada»<sup>54</sup>. Entretanto, Marx já esclarecera o essencial: a ligação entre os interesses da propriedade privada e a política do Estado existente.

Acusando o Estado prussiano de se tornar laçao dos proprietários das florestas, escravo do interesse privado, Marx sublinhava a hostilidade daquele aos interesses do povo. O conceito de interesse privado, que, nesta altura, Marx utilizava frequentemente nos seus artigos, ganha um conteúdo cada vez mais preciso. Por detrás da oposição filosófica entre o singular e o geral, vemos desenharem-se as contradições entre proprietários e não proprietários.

Tais contradições, assim como a natureza antipopular do Estado prussiano, foram ainda mais claramente postas a nu no artigo *Rechtfertigung des Korrespondenten von der Mosel* [Justificação do Correspondente do Mosela], publicado no jornal de 15 a 20 de Janeiro de 1843. Este artigo era uma resposta a von Schaper, primeiro-presidente da Província Renana, que tinha tentado classificar de calúnias as cartas de Peter Coblenz, publicadas na *Gazeta Renana*, sobre a penosa situação dos vinhateiros do Mosela e sobre a recusa do governo em ajudá-los. Abrindo polémica com von Schaper, Marx, como chefe da redacção do jornal, combatia abertamente um representante do Poder.

O artigo atestava uma maior compreensão pela sua parte das causas da miséria do povo, nas condições de domínio do absolutismo e das sobrevivências do feudalismo. Refutava vigorosamente a opinião daqueles que tentavam atribuir a penosa situação dos vinhateiros do Mosela aos caprichos da natureza ou aos erros de certos funcionários. «Na investigação de situações [da vida] do Estado, é-se demasiado facilmente tentado a não ver a natureza objectiva das relações e a explicar tudo a partir da vontade das pessoas que agem. Há, porém, relações que determinam tanto as acções das pessoas privadas como das autoridades singulares e que são tão independentes delas quanto o método da respiração.»<sup>55</sup> Deste modo, Marx suscitava no leitor a ideia de que a principal causa da miséria do povo estava no próprio carácter do regime social da Prússia, na própria natureza da monarquia prussiana. Falava com cólera da máquina burocrática que, separada do povo, o dominava, desprezando os interesses das massas. Colocava directamente o problema da permanente oposição entre os interesses do povo e a política do Estado prussiano. Por todo o artigo perpassa uma mesma ideia: com o regime existente, o povo nada pode esperar de bom do governo. Não é, pois, de estranhar que, das cinco partes da resposta ao primeiro-presidente, apenas duas tivessem podido aparecer. A publicação da continuação do artigo foi proibida.

Este artigo revelou também certas modificações no estilo jornalístico de Marx. Encontram-se com menos frequência construções algo abstractas, ainda que de uma lógica rigorosa; em contrapartida, a voz colérica do defensor dos interesses das massas populares destacava-se com uma nitidez muito maior do que nos artigos anteriores: «Aquele que imediata e frequentemente escuta a voz rude da miséria na população circundante facilmente perde o tacto estético que sabe falar com as imagens mais finas e mais discretas; talvez considere mesmo ser seu dever político usar abertamente, por um momento, a linguagem popular da miséria que, na sua pátria, não encontra qualquer oportunidade de desaprender.»<sup>56</sup>

### CONFLITO COM OS «LIVRES»

As opiniões teóricas de Marx (que cada vez divergiam mais das dos jovens hegelianos) e, sobretudo, a linha táctica que applicava na *Gazeta Renana* levaram-no a um conflito com os membros do círculo dos «Livres» (*die Freien*) que, nessa altura, se tinha formado em Berlim. Dele fazia parte um grupo de jovens hegelianos que tinha por chefes-de-fila Edgar Bauer e Kaspar Schmidt, que depois

adoptou o pseudónimo de Max Stirner. O traço característico dos «Livres» era a crítica abstracta e indiscriminada a tudo, sem qualquer programa positivo, a propaganda da negação pura, as estrondosas frases ultra-radicaes sobre o comunismo e o ateísmo, a propósito de tudo e de nada. Os «Livres» declaravam não admitir qualquer compromisso ou convenção. As suas intervenções turbulentas inquietavam os burgueses de Berlim, se bem que as suas acções não oferecessem qualquer perigo real para o governo e apenas compromettessem o movimento democrático.

Marx sublinhou, por mais de uma vez, a inconsistência da crítica abstracta a que os «Livres» se dedicavam. Exigia que uma teoria justa fosse exposta e desenvolvida de acordo com as condições concretas. Quando se tornou chefe da redacção da *Gazeta Renana*, deixou de lhes publicar os artigos. Essas pessoas têm o hábito de «considerar a *Gazeta Renana* como órgão seu desprovido de vontade [própria]; creio não dever permitir por mais tempo esta regueira à maneira antiga»<sup>57</sup>, escrevia Marx a este respeito, numa carta a Ruge, com data de Novembro de 1842. Os «Livres» lançaram-se contra ele acusando-o demagogicamente de conservadorismo. Em resposta a Eduard Meyen, um dos membros do círculo, Marx aconselha-os «a mostrar menos raciocínio vago, frases altissonantes, auto-satisfeitas olhadelas ao espelho, e mais determinabilidade, mais entradas nas situações concretas, mais conhecimento em dia das coisas»<sup>58</sup>. Sublinhava ser inadmissível que se expusesse com tanta superficialidade as doutrinas socialistas e comunistas, apenas a floradas de passagem em fortuitas críticas de teatro, e exigia «uma recensão completamente diferente e mais fundamental do comunismo»<sup>59</sup>. Mas os «Livres» não quiseram dar ouvidos à crítica de Marx e continuaram a deslizar progressivamente para o subjectivismo, para o individualismo anárquico. O rompimento tornou-se inevitável, constituindo o início da ruptura declarada entre Marx e os jovens hegelianos.

### A PROIBIÇÃO DA «GAZETA RENANA»

As condições de trabalho de Marx na *Gazeta Renana* tornavam-se cada vez mais difíceis. Pesava sobre o jornal uma dupla censura: para além do censor usual, o jornal era agora examinado por um alto-funcionário que representava o governo, o *Regierungspräsident*. Mutilados pela censura, muitas vezes os números do jornal não podiam sair. Marx abafava na atmosfera do Estado policial prussiano. Em Janeiro de 1843, escrevia a Ruge: «É mau de-

sempenhar tarefas servis mesmo pela liberdade e batermo-nos com alfinetes em vez de mocas. Fiquei cansado da hipocrisia, da estupidez, da autoridade bruta e da nossa flexibilidade, [da nossa] maleabilidade, do nosso voltar as costas e [das nossas] querelas de palavras.» <sup>60</sup>

Os meios governamentais começavam a ver na *Gazeta Renana* uma ameaça para o Estado prussiano. O chefe da redacção do jornal parecia-lhes extremamente perigoso. O censor governamental Wilhelm Saint-Paul, enviado em princípios de Janeiro de 1843 de Berlim para Colónia e encarregado de vigiar o jornal (isto para além das duas instâncias já mencionadas) qualificava Marx de «*spiritus rector*» da *Gazeta Renana* e de «fonte viva das teorias da folha» <sup>61</sup>. Os artigos de Marx protestando contra a proibição pelo governo de órgãos democráticos como a *Leipziger Allgemeine Zeitung* [*Gazeta Geral de Leipzig*] e os *Deutsche Jahrbücher* [*Anais Alemães*] provocaram o vivo descontentamento das autoridades. A gota que fez transbordar o vaso da paciência dos poderes prussianos foi o artigo de Marx *Justificação do Correspondente do Mosela*.

Em 19 de Janeiro de 1843, o governo decidiu proibir o jornal a partir de 1 de Abril de 1843. Até lá, devia submeter-se a uma censura particularmente severa. O anúncio oficial declarava que a *Gazeta Renana* se distinguia por uma «tendência que manifestamente tinha por objectivo provocar a hostilidade para com [a ordem] existente no Estado e na Igreja, fomentar o descontentamento, vilipendiar mal-intencionadamente a administração do Estado... e insultar as potências amigas» <sup>62</sup>. Esta última frase referia-se à violenta crítica feita pela *Gazeta Renana* a propósito da ingerência do tsar nos problemas alemães, crítica que provocara o descontentamento dos representantes da autocracia russa. O embaixador tsarista em Berlim anunciou satisfeito a Sampetersburgo que tinha sido proibido o jornal, «cuja orientação continuava a assumir um carácter abertamente revolucionário» <sup>63</sup>.

A proibição da *Gazeta Renana* desencadeou uma vaga de protestos. Em toda a Renânia se recolheram assinaturas para uma petição dirigida ao rei da Prússia, pedindo-lhe que anulasse aquela ordem. Em pouco tempo foram recolhidas três mil assinaturas em Colónia. Os camponeses do Mosela, cujos interesses Marx tinha defendido tão calorosamente, também enviaram uma petição. Escreviam: «Ignoramos se a *Gazeta Renana* espalhava mentiras e calúnias sobre a administração. Mas em contrapartida sabemos que só disse a verdade sobre a nossa província e sobre a nossa miséria.» <sup>64</sup> A imprensa de oposição considerou este acto do governo um claro golpe da reacção contra as limitadas possibilidades que a imprensa alemã

ainda conservava para debater as questões escaldantes da vida social do país.

Entretanto, os burgueses liberais da Renânia que financiavam o jornal não tinham qualquer intenção de recorrer a medidas sérias para o defender. Pelo contrário: a tendência democrático-revolucionária que Marx imprimira ao jornal não lhes servia. Durante a discussão do problema do envio de uma petição ao rei, um dos accionistas, membro do Conselho de Vigilância do jornal, pronunciou um longo discurso em que se manifestou contra a orientação seguida. Em Fevereiro de 1843, ao usar da palavra numa assembleia geral de accionistas, um dos editores, Dagobert Oppenheim, lamentou que, até Novembro de 1842, ele e os seus colegas tivessem ignorado que os artigos publicados na *Gazeta Renana* desagradavam às autoridades e que «foi apenas desde Novembro [de 1842] que se declarou o conflito que levou a esta inesperada catástrofe»<sup>65</sup>. Tratava-se de uma clara condenação da linha política de Marx, que um mês antes fora nomeado chefe da redacção.

Em condições tão complexas, Marx não podia continuar a colaborar no jornal. A 18 de Março de 1843 publicou na *Gazeta Renana* uma declaração anunciando que deixava a redacção. Entretanto, os accionistas não conseguiram salvar o jornal, cujo último número surgiu a 31 de Março.

Tendo-se convencido da impossibilidade de fazer sair propaganda revolucionária na Prússia, Marx decidiu deixar o país. Pouco antes de sair da *Gazeta Renana* participou, sobretudo através da correspondência trocada com Ruge, na discussão de um plano para a publicação de um órgão revolucionário no estrangeiro. Marx pensava que se não devia publicar uma volumosa colectânea académica destinada a um círculo restrito, mas sim um periódico, uma revista mensal destinada ao povo<sup>66</sup>. Em fins de Maio de 1843, deslocou-se durante alguns dias a Dresden, para se encontrar com Ruge e discutir com ele o plano para a publicação de uma revista desse género.

Marx acreditava que a revolução estava iminente. O navio, carregado de imbecis, escrevia ele a propósito do Estado prussiano, navegava para o seu destino fatal. E esse destino era a iminente tempestade revolucionária<sup>67</sup>.

Doravante, o problema da revolução, da sua natureza, das suas causas e das suas forças motrizes, torna-se a sua preocupação essencial. Neste período, o seu desenvolvimento teórico faz-se com grande rapidez, estimulado principalmente pela sua actividade política prática. A colaboração na *Gazeta Renana* tinha constituído uma viragem decisiva na concepção do mundo de Marx, o início da passagem do idealismo para o materialismo e do democratismo revolu-

cionário para o comunismo. Neste período, Marx não se limitou a defender com vigor os interesses das massas populares contra o regime feudal-absolutista prussiano que as oprimia. Gradualmente, tinha-se dado conta de que os actos de pessoas pertencentes a diferentes camadas sociais tinham como causa factores objectivos, de que os seus interesses privados eram determinados pela sua situação objectiva na sociedade. Para Marx, desenhava-se cada vez mais nitidamente a direcção principal que a investigação devia tomar, de modo a descobrir a natureza das relações objectivas «que determinam tanto as acções das pessoas privadas como das autoridades singulares» <sup>68</sup>.

Tendo deparado, no decorrer do seu trabalho de chefe de redacções, com problemas económicos, Marx deu-se conta não só de que era insuficiente o seu conhecimento destes problemas mas também do facto de eles desempenharem na vida um papel de primeiro plano. Mais tarde, Engels lembrar-se-ia «de sempre ter ouvido a Marx que precisamente pela sua ocupação com a lei do roubo de madeira e com a situação dos camponeses do Mosela tinha sido dirigido da simples política para as relações económicas e tinha chegado ao socialismo» <sup>69</sup>.

O pensamento de Marx começou a procurar a força capaz de realmente mudar o regime existente. A sua carta a Ruge, escrita mês e meio depois do encerramento da *Gazeta Renana*, mostra a que ponto era correcta a via por ele traçada. Escrevia: «O sistema do lucro e comércio, da posse e da exploração dos homens leva, porém, ainda muito mais depressa do que o aumento da população, a uma ruptura no seio da sociedade actual, a que o velho sistema não pode remediar...» <sup>70</sup>

O trabalho no jornal enriqueceu a experiência de Marx num outro campo, o respeitante ao Estado. Tornou-se para ele claro que o Estado não é de modo nenhum a encarnação da sabedoria universal, como pretendia Hegel, que não é a encarnação do universal que domina os interesses particulares.

A Marx, que após o encerramento da *Gazeta Renana* se retirara momentaneamente para o seu gabinete de estudo — como ele dizia —, até que ganhasse corpo a edição da nova revista revolucionária, colocava-se, pois, uma dupla tarefa: a revisão crítica da concepção idealista da sociedade e do Estado e a descoberta das autênticas forças motrizes do processo social, das vias e das formas de transformação revolucionária do mundo.

**EM KREUZNACH.**  
**O MANUSCRITO «PARA A CRÍTICA**  
**DA FILOSOFIA DO DIREITO DE HEGEL».**  
**OS CADERNOS DE HISTÓRIA**

Em Maio de 1843, Marx chega a Kreuznach, pequena cidade renana onde se encontrava a sua noiva, Jenny von Westphalen, com a mãe. A 19 de Junho de 1843, foi registado o casamento do «senhor Carl Marx, doutor em Filosofia, residente em Colónia, e da menina Johanna Bertha Julia Jenny von Westphalen, sem profissão, residente em Kreuznach»<sup>71</sup>.

Os poucos meses (de Maio a Outubro de 1843) passados em Kreuznach foram talvez dos mais felizes na longa e penosa vida de Marx. Em regra reservado quando se tratava de sentimentos pessoais, escrevia a Ruge pouco antes do seu casamento: «Posso assegurar-lhe, sem qualquer romantismo, que estou apaixonado da cabeça aos pés e com a maior seriedade.»<sup>72</sup>

Marx tinha encontrado na pessoa de Jenny não só uma esposa afectuosa mas também uma assistente devotada. Confiava-lhe os seus planos de trabalho, comunicava-lhe as suas audaciosas ideias. Ela era uma das suas primeiras leitoras e, por vezes, também a sua primeira crítica. Marx dava a maior atenção às críticas de Jenny, seguia de boa vontade os seus conselhos, fiando-se no seu invulgar gosto literário.

A estada em Kreuznach foi para Marx um período de intenso trabalho. Atribuía enorme importância à crítica da doutrina de Hegel sobre o Estado e o direito, doutrina que, de facto, resumia as opiniões idealistas do filósofo sobre a sociedade. O fruto deste trabalho foi um manuscrito não concluído, que só em 1927 foi publicado, na União Soviética, com o título *Zur Kritik der Hegelschen Rechtsphilosophie* [Para a Crítica da Filosofia do Direito de Hegel].

O início da crítica das concepções de Hegel sobre o Estado e o direito remonta aos primeiros meses de 1842. Já então Marx condenara um dos pontos centrais daquelas concepções: a glorificação da monarquia constitucional. A 5 de Março de 1842, Marx falava a Ruge do artigo crítico que se propunha escrever sobre as concepções de Hegel relativas ao direito e à política. Escreveu: «O cerne é o combate contra a monarquia constitucional...»<sup>73</sup>.

Este artigo de Marx não chegou até nós. É mesmo possível que não tivesse recebido uma forma definitiva. Mas a ideia de Marx é clara: queria demonstrar a incompatibilidade entre os princípios democráticos e o regime monárquico. Todavia, naquela época, ainda não podia colocar a si próprio como tarefa a revisão crítica da

doutrina de Hegel sobre a sociedade. Só um ano mais tarde se encarregaria desta tarefa.

1843  
A obra de Feuerbach *Vorläufige Thesen zur Reformation der Philosophie* [Teses Provisórias para a Reforma da Filosofia], que apareceu na Suíça em princípios de 1843, na colectânea em dois volumes *Anekdoten zur neuesten deutschen Philosophie und Publizistik*, foi para Marx uma grande ajuda para a crítica do idealismo de Hegel. Feuerbach formulava aí as suas opiniões materialistas: «A verdadeira relação entre pensar e ser é apenas esta: o ser é sujeito, o pensar é predicado... O pensar é a partir do ser, mas o ser não é a partir do pensar.»<sup>74</sup> Feuerbach mostrou que a filosofia de Hegel era o último refúgio da teologia. Aplicou à filosofia idealista o método que tinha aplicado à crítica da religião, sublinhando: «Devemos apenas fazer sempre do predicado sujeito e, assim, do sujeito objecto e princípio — portanto, devemos apenas inverter a filosofia especulativa e teremos a verdade não velada, a [verdade] pura, nua.»<sup>75</sup>

Esta ideia da «inversão» da filosofia idealista, de estabelecer a relação real entre o pensar e o ser, foi utilizada por Marx como princípio metodológico geral para a crítica do idealismo de Hegel, no seu manuscrito *Para a Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. A crítica das ideias de Hegel por Feuerbach ajudou Marx a progredir na via do materialismo em que se lançara independentemente. Ao mesmo tempo, tomou consciência das lacunas da filosofia de Feuerbach, principalmente da sua fuga perante as questões cruciais da política. Numa carta a Ruge, escrita pouco depois do aparecimento das *Teses Provisórias para a Reforma da Filosofia*, Marx notava: «Para mim, os aforismos de Feuerbach só não estão correctos no ponto em que ele remete demasiado para a natureza e demasiado pouco para a política. Esta é, porém, a única aliança graças à qual a filosofia actual se pode tornar numa verdade.»<sup>76</sup> Já aqui se desenha a divergência de opiniões entre Marx e Feuerbach sobre o homem. Feuerbach compreendia o indivíduo a partir das posições de um humanismo abstracto, principalmente como um ser que fazia parte da natureza; baseava-se num princípio estritamente antropológico para a solução de certos problemas filosóficos. Ao passo que para Marx o homem era principalmente um ser social, o produto de relações sociais historicamente estabelecidas.

Sem dúvida que não é por acaso que o problema central do manuscrito *Para a Crítica da Filosofia do Direito de Hegel* reside na relação entre o Estado e a sociedade civil. Naquela época, entendia-se por «sociedade civil» o domínio dos interesses privados, principalmente materiais, e das relações sociais a eles ligadas. A noção largamente difundida de sociedade civil, apresentada como

uma esfera em que os indivíduos isolados se opõem entre si como unidades separadas e hostis, reflectia as relações humanas características do regime capitalista, cujo princípio é o de que «o homem é lobo do homem». A solução correcta do problema da natureza da sociedade civil e da sua atitude face ao Estado constitua um progresso importante na compreensão científica, materialista, do regime social existente, fornecendo a chave para a compreensão das principais causas do processo histórico no seu conjunto.

Segundo Hegel, o Estado encontra-se num grau de desenvolvimento superior relativamente à sociedade civil, e determina-a. Marx avança uma tese oposta: a sociedade civil é premissa do Estado. Procurando a ligação entre a natureza do Estado e o carácter das relações sociais concretas, Marx exprimiu um pensamento genial quanto ao papel determinante da propriedade privada em relação ao regime político. Escrevia: «No seu cume supremo, a constituição política é... a constituição da propriedade privada.»<sup>77</sup> E se bem que a propriedade privada seja entendida por Marx sobretudo no plano jurídico, aqui é já indubitável a sua tendência materialista geral para a explicação das instituições sociais e políticas.

Marx dirigiu o gume da sua crítica contra as opiniões políticas de Hegel, principalmente contra a apologia que este fazia da burocracia prussiana e do regime monárquico de estados sociais. Resumindo as suas críticas da filosofia do direito de Hegel e da admiração que este tinha pelas instituições existentes, Marx escrevia: «Não é de censurar Hegel por ele descrever a essência do Estado moderno tal como ele é, mas por ele fazer passar aquilo que é por *essência do Estado*.»<sup>78</sup>

No processo de crítica de Hegel, Marx expôs a sua própria concepção sobre um regime social digno do homem, a democracia. Para ele, a democracia é a autodeterminação do povo e a sua lei fundamental é a existência humana, isto é, os interesses do homem, os interesses do povo. Utilizando a terminologia hegeliana, Marx escrevia que a democracia é a verdade de cada Estado, isto é, o objectivo ideal, a finalidade do seu desenvolvimento<sup>79</sup>. Apenas sob um regime democrático, afirmava Marx, o homem deixará de ser um juguete nas mãos de forças por ele próprio criadas — as instituições políticas — para passar a ser senhor delas. Só nessas condições o Estado não só não se opõe ao povo mas é «uma forma de existência particular do povo»<sup>80</sup>. Marx referia-se nomeadamente aos «franceses contemporâneos» que tinham compreendido que «na verdadeira democracia o Estado político desaparece»<sup>81</sup>. Por certo tinha em mente o grande socialista utópico Saint-Simon, com a sua ideia da sociedade futura

em que a administração dos homens cederia o lugar à administração das coisas.

Deste modo, o desejo de interpretar a democracia, não como o poder formal do povo mas como o seu poder real, obrigava Marx a imaginar um regime social que permitisse realizá-la. Estava, pois, dado um passo para o comunismo, ainda que no manuscrito a própria noção de democracia se ressentisse, de certo modo, da influência do antropologismo e do humanismo abstracto de Feuerbach.

Na concepção do mundo de Marx, o amadurecimento dos elementos materialistas era acompanhado por uma crítica aprofundada do idealismo hegeliano. Marx passara da crítica de certos aspectos da filosofia hegeliana para a revisão crítica das suas bases idealistas. Ainda sem se qualificar como materialista, já critica Hegel de um ponto de vista materialista. Nota o carácter vicioso do método idealista que «desenvolve o seu pensar não a partir do objecto mas [desenvolve] o seu objecto segundo um pensar tornado pronto [acabado] e tornado pronto na esfera abstracta da lógica» <sup>82</sup>. Com base no exemplo de Hegel, Marx chega à conclusão de que o idealismo leva inevitavelmente à religião e ao misticismo. Desvenda a ligação entre o carácter idealista da filosofia de Hegel e as suas opiniões conservadoras em política, mostra como no sistema dele a monarquia prussiana se transforma de facto histórico concreto numa etapa da evolução da Ideia absoluta. Hegel erige também em absolutos os outros atributos do Estado semifeudal: o regime de estados sociais, a burocracia, o morgadio, etc.

A crítica da filosofia do direito de Hegel incitava Marx a procurar na própria história os materiais que permitissem refutar as construções hegelianas. O manuscrito *Para a Crítica da Filosofia do Direito de Hegel* está impregnado de uma tendência materialista: tomar como ponto de partida a análise da realidade concreta e não premissas abstractas, a «lógica das coisas» e não a «coisa da lógica» <sup>83</sup>. Compreendendo que o problema da relação entre a sociedade civil e o Estado apenas podia ser resolvido depois de um estudo aprofundado da história da sociedade, Marx não se limitava a colocar o problema em geral, antes se esforçava por esclarecê-lo no plano histórico. Por isso mesmo, durante o Verão de 1843 (sobretudo em Julho e Agosto), paralelamente ao seu trabalho no manuscrito *Para a Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, aplicou-se ao estudo da história.

Os cinco *Cadernos de Kreuznach*, cobertos por uma escrita miúda, contêm múltiplas passagens tiradas por Marx de obras sobre a teoria e a história do Estado, assim como sobre a história de diferentes países: a Inglaterra, a França, a Alemanha, os Estados Unidos

da América, a Itália e a Suécia. Dedicava particular atenção às obras sobre a história da revolução francesa de 1789, designadamente ao livro do eminente historiador alemão Wilhelm Wachsmuth. A enorme atenção que dava a esta revolução devia-se à compreensão do papel que ela desempenhara na formação da sociedade que lhe era contemporânea, assim como ao desejo de estudar, a partir do seu exemplo, os principais móveis sociais do desenvolvimento da sociedade. Entre os autores que Marx estudou nessa altura citemos também o eminente pensador italiano da época do Renascimento, Maquiavel, os iluministas franceses Montesquieu e Rousseau, assim como Chateaubriand e Justus Möser, teóricos do romantismo reacionário.

A problemática e o carácter dos extractos, assim como o conteúdo dos índices feitos para eles, permitem fazer uma ideia do conjunto de problemas que interessavam Marx. Em certos casos, contribuem para esclarecer o modo como abordava esses problemas. Nos extractos era dada grande atenção ao problema da propriedade feudal e à sua influência na estrutura de classes e nas instituições políticas da sociedade. Aí se destinava um importante lugar à análise da história da revolução francesa, que permitiu a Marx compreender melhor a oposição de interesses das diferentes classes e a influência desta luta na marcha da revolução. Aqui nos damos perfeitamente conta de que Marx procurava compreender o modo como a política da burguesia dependia do factor económico, designadamente das relações de propriedade. Agrupou os extractos de maneira a sublinhar a incapacidade de a revolução burguesa assegurar a verdadeira igualdade, que não é a igualdade formal de todos perante a lei mas a mudança radical das relações de propriedade.

Os índices de matérias mostram também que as opiniões materialistas de Marx se formavam não só ao criticar as doutrinas sociais idealistas mas também no decurso das suas próprias tentativas para interpretar os fenómenos históricos de um ponto de vista materialista. Ocupa lugar central nos índices o ponto sobre «A propriedade e as suas consequências»<sup>84</sup>. Nesta rubrica Marx reuniu a documentação respeitante à dependência da política em relação às relações de propriedade.

Em Marx, o estudo da história era acompanhado pela investigação das vias que permitissem chegar a um regime social digno do nome de sociedade verdadeiramente humana. Dando-se conta do carácter limitado das revoluções anteriores, Marx pôde ultrapassar o âmbito do democratismo revolucionário, o que contribuiu para a formação das suas concepções comunistas. Por outro lado, os estudos históricos davam às investigações teóricas de Marx uma

sólida base científica, que servia de excelente antídoto contra o utopismo.

Os poucos meses passados em Kreuznach representaram uma etapa importante no desenvolvimento da concepção do mundo de Marx. Nessa altura, como anos mais tarde escreveria Engels, «ele chegou à perspectiva de que não era no Estado apresentado por Hegel 'como o coroamento do edifício' mas, antes na 'sociedade civil', por ele tratada de maneira tão madrasta, que estava aquela esfera em que se devia procurar a chave para o entendimento do processo de desenvolvimento histórico da Humanidade»<sup>85</sup>.

A crítica pormenorizada da filosofia hegeliana do direito e do seu idealismo em geral; assim como a generalização da anterior experiência histórica e o conhecimento das opiniões materialistas e humanistas de Feuerbach, denunciavam as tendências materialistas de Marx. A partir de então, elas tornaram-se predominantes. Grande dialéctico, Marx assimilara e desenvolvera a essência revolucionária do método dialéctico, tendo-se apercebido de que a sociedade encerrava em si mesma a necessidade da sua própria transformação. Mas apenas esboçara de forma aproximada a via que devia seguir tal transformação (Estado «democrático» ideal ou de «democracia autêntica») e, de momento, estava ainda a procurar a força social capaz de realizar essa revolução.

### PREPARATIVOS PARA A PUBLICAÇÃO DOS «ANAIS FRANCO-ALEMÃES». PARTIDA PARA PARIS

Em Kreuznach, Marx prosseguiu a correspondência, iniciada pouco antes da proibição da *Gazeta Renana*, a propósito dos planos para a criação de um órgão que reunisse os democratas alemães e franceses. Pensara detalhadamente no carácter desse jornal, nos seus objectivos, no círculo dos seus futuros colaboradores.

Em Setembro de 1843, numa carta a Ruge, Marx esboçou o programa da revista que tinham decidido publicar em Paris. Na sua ideia, devia ter como principal orientação a crítica impiedosa da ordem de coisas estabelecida no mundo, sem recear as conclusões que se impusessem e sem recuar no ataque aos detentores do Poder. Marx não considerava essa crítica como um fim em si, como crítica pela crítica, mas como um meio de elaborar uma nova concepção do mundo, de abrir caminho para um novo mundo. Proclamou como um dos mais importantes princípios desta concepção a tomada de partido. Ao definir a tarefa de materializar a crítica teórica numa

actividade prática revolucionária, de ligar a crítica do regime existente «à tomada de partido na política e, portanto, de a ligar e identificar com lutas reais»<sup>86</sup>, Marx formulou pela primeira vez a importantíssima ideia da unidade da teoria e da prática.

Na sua crítica do regime existente e nas suas concepções sobre a sociedade do futuro, Marx atribuía ainda um lugar importante a conceitos inspirados em Feuerbach (a realização da «verdadeira essência humana», etc.). Estes elementos do humanismo feuerbachiano, tal como as ideias democráticas e antiabsolutistas, constituíram a base sobre a qual, durante certo tempo (aliás bastante curto, como o futuro iria demonstrar), puderam agir em conjunto, entre outros, o radical burguês Arnold Ruge, o democrata Julius Fröbel, o poeta revolucionário Georg Herwegh, o publicista radical Karl Bernays, Moses Hess, um dos futuros ideólogos do chamado «socialismo verdadeiro», e Marx, que já procurava as vias que lhe permitissem construir uma concepção do mundo comunista e autenticamente científica.

Tencionavam convidar a colaborar na revista alguns destacados socialistas franceses: Lamennais, Louis Blanc, Etienne Cabet, Proudhon e outros.

Marx solicitou a participação de Feuerbach e pediu-lhe que redigisse um artigo crítico sobre a filosofia reaccionária de Schelling. Lénine dava uma enorme importância a esta carta, datada de 3 de Outubro de 1843, em que «Marx apontava com assombrosa clareza as linhas fundamentais em filosofia»<sup>87</sup>. Mas Feuerbach preferiu manter-se afastado. Marx não perdeu, entretanto, a esperança de o fazer participar activamente em acções revolucionárias, como o prova a sua carta a Feuerbach, escrita a 11 de Agosto de 1844, desta vez de Paris. A recusa de Feuerbach foi de certo modo compensada pela aceitação de Heinrich Heine, o grande poeta revolucionário, em colaborar na revista.

O enorme trabalho de organização necessário à fundação da revista exigia a presença de Marx em Paris. A decisão de deixar a Alemanha, tomada de há muito, foi acelerada pela tentativa do governo prussiano de subornar Marx com a promessa «de um bom lugarzinho». Através de um amigo do seu falecido pai, o conselheiro privado Christian Esser, fizeram a Marx a proposta de se colocar ao serviço do Estado prussiano. Mais tarde, ao lembrar-se disso, Marx escrevia: «Depois destas propostas deixei a Prússia e fui para Paris.»<sup>88</sup>

Nos últimos dias de Outubro de 1843, Marx partiu para Paris com sua mulher, tendo-se instalado no número 38 da Rua Vanneau.

Posteriormente, Marx teve ocasião de ir à capital da França por

várias vezes. Aprendeu a conhecer bem aquele país, tornou-se um grande especialista da sua história, sempre manifestou uma grande admiração pela valentia revolucionária dos seus trabalhadores. Mas foi a sua primeira estada em Paris, de cerca de dezoito meses, que mais fortemente influenciou o desenvolvimento das suas ideias. Foi precisamente então que adoptou definitivamente as posições revolucionárias e comunistas e que precisou a sua vocação: ser o porta-voz dos interesses da classe mais revolucionária — o proletariado — e o campeão da sua causa.

O fervilhar da vida social e política da capital francesa — um dos mais importantes centros da ciência e da cultura mundiais e um dos maiores focos do movimento revolucionário — influenciou-o desde os primeiros meses da sua estada neste país. Na expressão de Lênine, Paris «está então em plena efervescência política, debatendo as diversas teorias socialistas» <sup>89</sup>. A capital da França oferecia excelentes condições para o estudo das contradições e colisões de classes que abalavam o mundo burguês. Aqui iria Marx estabelecer os seus primeiros contactos políticos com os representantes do proletariado.

### PASSAGEM DEFINITIVA PARA O MATERIALISMO E PARA O COMUNISMO

Em fins de Fevereiro de 1844, apareceu o número duplo (1 e 2) da revista *Deutsch-Französischen Jahrbücher* [Anais Franco-Alemães]. Além dos escritos de Marx, continha os artigos de Engels *Umriss zu einer Kritik der Nationalökonomie* [Esboço para Uma Crítica da Economia Nacional] e *Die Lage Englands. «Past and Present» by Thomas Carlyle* [A Situação da Inglaterra. «Passado e Presente» por Thomas Carlyle], poemas de Heine e de Herwegh, artigos de Hess e de Bernays, assim como uma série de outros materiais.

A rubrica *Ein Briefwechsel von 1843* [Uma Correspondência de 1843] publicava algumas cartas de Marx a Ruge (que remontavam ao período de preparação da publicação), assim como cartas de Ruge, do revolucionário russo Mikhail Bakúnine e de Feuerbach. A orientação dominante da revista era dada por dois artigos de Marx: um, *Zur Judenfrage* [Para a Questão Judaica], foi sem dúvida redigido em Kreuznach; e o segundo, *Zur Kritik der Hegelschen Rechtsphilosophie. Einleitung* [Para a Crítica da Filosofia do Direito de Hegel. Introdução], foi redigido em Paris, de Dezembro de 1843 a Janeiro de 1844.

Em *Para a Questão Judaica*, Marx levantava-se contra B. Bauer

que, nas suas obras, solucionava o problema da emancipação dos judeus, privados de direitos políticos na Alemanha, a partir de posições idealistas. Segundo Bauer, os judeus deviam primeiramente emancipar-se da sua religião. Marx mostrou a inconsistência deste ponto de vista.

Embora examinando a questão particular da emancipação dos judeus, Marx colocou o problema geral da libertação da humanidade do jugo social e político que sobre ela pesa. Simultaneamente, estabelecia a diferença entre a emancipação política e a emancipação humana.

Por emancipação política entendia Marx a libertação do homem das peias feudais e a proclamação das liberdades democrático-burguesas, realizadas no decurso da revolução burguesa. Ainda que reconhecesse toda a importância da emancipação política, Marx não deixava de ver o seu carácter limitado. «A emancipação política», dizia, «é, sem dúvida, um grande progresso; todavia, não é a forma última da emancipação humana, em geral, mas é a forma última de emancipação humana *no interior* da ordem do mundo até hoje [existente].»<sup>90</sup> A sua limitação resulta da propriedade privada, que a revolução burguesa mantém como instituição social intocável.

Marx fez uma profunda análise materialista da essência das principais liberdades burguesas obtidas em resultado da emancipação política e que os ideólogos da burguesia consideravam como expressão dos direitos naturais do homem. Mostrou que tais «direitos do homem» são principalmente os direitos de um membro da sociedade civil, quer dizer, os direitos do burguês. No sentido burguês, a liberdade é, no fundo, a liberdade de o indivíduo dispor à vontade da sua propriedade; e o direito do indivíduo à segurança é o direito à sua inviolabilidade enquanto proprietário, à segurança da sua pessoa e, em primeiro lugar, dos seus bens. De modo que a emancipação política ou a revolução política — Marx emprega estes dois termos como sinónimos e querendo dizer revolução burguesa — é a libertação do homem como membro da sociedade civil, do «homem egoísta, separado do homem e da comunidade humana»<sup>91</sup>.

Em oposição à emancipação política, Marx avançou a tese da emancipação humana, que é a libertação do homem das taras da sociedade civil moderna, a liquidação da desigualdade real, da opressão e do isolamento, a criação de condições tais que os princípios sociais autênticos se sobreponham realmente na sociedade ao egoísmo e à hostilidade mútua entre as pessoas. Utilizando ainda, em grande parte, a terminologia de Feuerbach, embora lhe atribua um outro conteúdo, Marx escreveu que «só quando o homem tiver conhecido e organizado as suas 'forças próprias' como forças so-

ciais e, portanto, não mais tiver separado de si a força social como força política, só então se terá completado a emancipação humana»<sup>92</sup>.

Na realidade, tais raciocínios são um primeiro esboço da ideia da revolução socialista, que transforma radicalmente a própria base da sociedade civil e estabelece uma verdadeira comunidade dos homens. É certo que não só a terminologia mas também uma certa forma abstracta de colocar a questão da emancipação do homem são indício da influência do ponto de vista antropológico de Feuerbach, ao passo que a crítica da emancipação política — da revolução burguesa — assume já um carácter bastante mais concreto. Todavia, no artigo *Para a Questão Judaica*, Marx já formula, no essencial, a ideia da diferença fundamental entre a revolução burguesa e a socialista, avançando simultaneamente com a tese de que a segunda deve inevitavelmente seguir-se à primeira. A resposta à questão de saber a quem cabe realizar a emancipação humana, superando a estreiteza da emancipação política, qual a força social que encarna o progresso social, foi dada por Marx num outro artigo: *Para a Crítica da Filosofia do Direito de Hegel. Introdução*.

Baseando-se na análise das anteriores revoluções, Marx chegou à conclusão de que, na época revolucionária, uma das classes sociais aspira a tornar-se a libertadora do conjunto da sociedade, partindo, naturalmente, da sua própria situação específica e prosseguindo os seus objectivos próprios. Todavia, este papel libertador do conjunto da sociedade apenas pode ser assumido por essa classe se, objectivamente, «as suas próprias reivindicações e direitos... forem, na verdade, os direitos e as reivindicações da própria sociedade»<sup>93</sup>. A classe que é capaz de realizar a emancipação de toda a humanidade deve ser aquela que se encontra em oposição a toda a sociedade contemporânea, portanto, a classe que se não pode libertar a si própria sem libertar toda a sociedade. Essa classe é o proletariado.

A ideia de Marx sobre o papel histórico universal do proletariado como destruidor da sociedade capitalista e criador de um mundo novo, socialista, tinha uma enorme importância. Foi o ponto de partida para transformar o socialismo de utopia em ciência. A partir deste momento, o processo de formação da concepção do mundo de Marx tornou-se, simultaneamente, o processo de formação do comunismo científico, de uma concepção do mundo revolucionária e proletária.

No artigo *Para a Crítica da Filosofia do Direito de Hegel. Introdução*, Marx fundamenta uma outra tese essencial, a do enorme alcance revolucionário da teoria de vanguarda e do seu papel de

factor poderoso na luta por uma modificação radical da sociedade. Marx escrevia: «Sem dúvida, a arma da crítica não pode substituir a crítica das armas, o poder material tem de ser abatido por poder material, simplesmente, também a teoria se torna poder material, assim que se apodera das massas.»<sup>94</sup>

Marx considerava o proletariado a força social chamada a utilizar, verdadeiramente as conclusões da doutrina revolucionária e a aplicá-las na vida. «Assim como a filosofia encontra no proletariado as suas armas materiais, o proletariado encontra na filosofia as suas armas espirituais...»<sup>95</sup>

A ideia do papel histórico universal do proletariado constituía um importante passo dado por Marx para o abandono de todas as teorias que sofriam da influência de classes hostis ao proletariado. Não foi, pois, por acaso que, precisamente no artigo em que pela primeira vez tirou a conclusão acima referida, Marx fez uma breve crítica das múltiplas manifestações da ideologia conservadora e reaccionária, aprofundando as observações críticas por ele feitas em períodos anteriores a respeito destas correntes. Mais ainda. Pela primeira vez revelou publicamente os vícios fundamentais das concepções teóricas dos jovens hegelianos, o desejo de estes limitarem a luta à esfera teórica.

## PRÓLOGO A UMA GRANDE AMIZADE

No índice dos *Anais Franco-Alemães* figuram dois nomes, um ao lado do outro: Karl Marx e Friedrich Engels. Tal coincidência, à primeira vista casual, não deixa de ser simbólica. Na pessoa de Engels, encontrou Marx um companheiro de ideias e um fiel camarada de combate (com o qual percorreu, ombro a ombro, quase todo o caminho da sua vida), um auxiliar insubstituível no seu trabalho científico e na sua luta prática, um homem cujo nome é inseparável do seu.

O desenvolvimento espiritual de Engels seguia uma curva análoga ao de Marx, embora revestindo certa originalidade.

Friedrich Engels era, também ele, originário da Prússia renana. Nascera a 28 de Novembro de 1820, em Barmen, no vale do rio Wupper, na família de um industrial têxtil, homem extremamente conservador. Fervorosamente religioso, educou os filhos no rigoroso respeito pelos valores burgueses e pela ortodoxia religiosa. Mas isso provocava no jovem Friedrich um sentimento de profundo protesto interior.

O pai de Friedrich não lhe permitiu que terminasse o liceu, en-

viando-o para Bremen, com o propósito de fazer dele um comerciante. Engels trabalhava numa agência comercial, mas dedicava todos os tempos livres a instruir-se: estudava história, filosofia, literatura, linguística e línguas estrangeiras, para as quais manifestou, desde muito cedo, aptidões pouco vulgares. A iniciação nas ideias de vanguarda do seu tempo (sobretudo nas obras dos jovens hegelianos) permitiu-lhe desembaraçar-se das ideias religiosas, que lhe tinham sido inculcadas pela família.

Na formação das opiniões democrático-revolucionárias de Engels influíram as correntes progressistas daquela época — o democratismo de Ludwig Börne, a filosofia de Hegel, as ideias radicais dos jovens hegelianos — assim como a sua experiência da vida: ele tinha podido observar a exploração dos trabalhadores na sua cidade natal. As suas aptidões literárias revelaram-se muito cedo. Desde 1839 que começou a colaborar na revista progressista *Telegraph für Deutschland* [*Telégrafo para a Alemanha*], órgão do grupo literário radical «Jovem Alemanha», cujas ideias exerceram sobre Engels um poder de atracção que acabaria por não durar muito tempo. Nos seus primeiros artigos, *Briefe aus dem Wuppertal* [*Cartas do Vale do Wupper*], esboçou o quadro da feroz exploração dos operários pelos patrões, sob o disfarce da beatice. Desde então, os seus escritos estão impregnados de ideias democrático-revolucionárias, criticando o estado de coisas existente na Alemanha.

Da segunda quinzena do mês de Setembro de 1841 até meados de Agosto de 1842, Engels fez o serviço militar, como voluntário, numa unidade de artilharia em Berlim. Durante a sua estada na capital da Prússia teve possibilidade de frequentar cursos na Universidade de Berlim e de alargar o círculo das suas relações. Em Berlim, aproximou-se dos jovens hegelianos (de cujas ideias então compartilhava) e participou na luta ideológica que se travava na Alemanha. As obras de Feuerbach, principalmente a sua *Das Wesen des Christentums* [*A Essência do Cristianismo*], exerceram naquela altura forte influência na formação das suas ideias. «Tem de se ter propriamente vivido o efeito libertador deste livro para se fazer dele uma ideia», escreveria mais tarde <sup>96</sup>.

Em Berlim redigiu vários escritos — *Schelling und die Offenbarung* [*Schelling e a Revelação*] e *Schelling, der Philosoph in Christo* [*Schelling, o Filósofo em Cristo*] — dirigidos contra o célebre filósofo, que evoluíra para a direita e pregava ideias místicas e reaccionárias. Os panfletos de Engels, cheios de espírito, estavam impregnados de ateísmo e de intransigência perante o obscurantismo. Gozavam de larga audiência e os leitores estavam longe de imaginar que o seu autor não era um filósofo experimen-

tado mas apenas um jovem soldado voluntário, auditor livre na Universidade.

No Outono de 1842, Engels foi para Inglaterra, para Manchester, trabalhar na agência da casa comercial onde seu pai tinha interesses. Passou cerca de dois anos naquele país capitalista desenvolvido. O contacto directo com a realidade capitalista na sua forma mais avançada, com as suas profundas contradições, foi-lhe de grande utilidade. O estudo da economia política inglesa e das obras dos socialistas utópicos ingleses (principalmente de Robert Owen) deram a Engels matéria para profundas reflexões. Em Inglaterra, conheceu o mais desenvolvido movimento operário da Europa: o cartismo.

Também em Inglaterra, Engels desenvolveu grande actividade como jornalista. Colaborou na imprensa de Owen e dos cartistas, enviou materiais e cartas para a *Gazeta Renana* e para a revista *Schweizerischer Republikaner* [*Republicano Suíço*], tendo também redigido dois artigos para os *Anais Franco-Alemães*.

A sua estada em Inglaterra, o estudo da vida económica e da evolução política deste país, assim como a iniciação e a participação directa no movimento operário, os contactos com os seus dirigentes, determinaram a viragem radical de Engels para o materialismo e para o comunismo. Mais tarde o próprio Engels referiu que foi precisamente em Manchester que descobriu o papel decisivo que na vida social desempenham as relações económicas, que estão na base das contradições de classes e da luta partidária.

Tal como Marx, também Engels considerava a classe operária a força capaz de transformar a sociedade. Estes elementos da nova concepção do mundo reflectiram-se nos artigos de Engels datados dessa altura, designadamente nos seus escritos no *New Moral World* [*Novo Mundo Moral*], órgão dos partidários de Owen. Mas foi sobretudo nas obras publicadas nos *Anais Franco-Alemães* — *Esboço para Uma Crítica da Economia Nacional, A Situação da Inglaterra. «Passado e Presente» por Thomas Carlyle* — que se manifestou a sua passagem para o materialismo e para o comunismo.

Nesse tempo, tal como acontecia com Marx, o jovem Engels ainda se não libertara da influência dos seus precursores ideológicos. Pensava, então, que a doutrina de Feuerbach era uma filosofia revolucionária que o proletariado devia adoptar na sua totalidade. E, na esteira dos socialistas utópicos, considerava o comunismo um meio para libertar, não só os trabalhadores mas também os capitalistas, do quadro limitado das relações burguesas.

O primeiro encontro entre Marx e Engels realizou-se em fins de Novembro de 1842, quando este último, a caminho de Inglaterra,

visitou a redacção da *Gazeta Renana*. Marx encontrava-se, então, em profunda oposição aos «Livres» de Berlim, aos quais Engels estivera ligado. De modo que o encontro dos futuros amigos foi bastante frio, o que não impediu que Marx apreciasse Engels como correspondente inglês da *Gazeta Renana* e seguisse atentamente a sua actividade literária.

Os trabalhos que Engels publicou nos *Anais Franco-Alemães* mostraram a Marx que a orientação ideológica de Engels coincidia com a sua. Trocaram desde então uma correspondência que foi o prólogo da estreita amizade que entre eles se forjou. Por seu lado, Engels dava-se progressiva e perfeitamente conta do papel do redactor dos *Anais Franco-Alemães* no desenvolvimento das ideias socialistas, dos dotes excepcionais desse «tipo moreno de Trier, um marcado monstro», como Marx fora qualificado, em 1842, no poema satírico *Die frech bedräute, jedoch wunderbar befreite Bibel oder der Triumph des Glaubens* [A Bíblia Insolentemente Ameaçada, mas contudo Milagrosamente Salva ou o Triunfo da Fé], escrito pelo seu futuro companheiro em colaboração com Edgar Bauer.

### OS «ANAIS FRANCO-ALEMÃES» APRECIADOS PELOS SEUS CONTEMPORÂNEOS

Os *Anais Franco-Alemães* tiveram grande ressonância e começaram a difundir-se muito amplamente. A *Mannheimer Abendzeitung* [Gazeta da Tarde de Mannheim] afirmava que praticamente cada alemão que passava por Paris levava um exemplar consigo. Eram feitas grandes encomendas para Leipzig, Berlim e Viena. O governo prussiano, informado pelo seu embaixador em Paris da «perigosa» orientação da revista, proibira a sua importação e dera ordem para prender Marx, Ruge, Heine e outros, no caso de entrarem em território prussiano. Começaram a confiscar a revista nas fronteiras. Segundo certos dados, cerca de três quartos dos 3000 exemplares publicados caíram nas mãos da polícia.

O aparecimento dos *Anais Franco-Alemães* foi recebido com ataques malévolos não só pela imprensa de direita mas também pela imprensa moderada, que tinha compreendido perfeitamente as tendências revolucionárias e proletárias da publicação. A 4 de Abril de 1844, o jornal reaccionário *Eisenbahn* [Caminho-de-Ferro], de Leipzig, escrevia a propósito dos redactores e colaboradores dos *Anais* que eles tinham por objectivo «a apoteose do proletariado de todas as nações, e só para ele olhavam com esperança e confiança», razão pela qual «o dever mais sagrado das folhas liberais da Alema-

nha era exprimirem a sua indignação da maneira mais decidida possível e repelirem com energia qualquer convivência com eles»<sup>97</sup>. A conservadora *Allgemeine Zeitung* [Gazeta Geral], de Augsburg, também se apressou a exprimir a sua indignação, escrevendo a 10 de Março de 1844: «A crítica da nova revista parisiense não conhece qualquer moderação, a sua polémica ultrapassa todas as formas estéticas e a sua sátira, ainda que não fira como o punhal, bate como um tremendo murro.»

Apesar de tudo, exemplares dos *Anais Franco-Alemães* chegavam aos leitores que simpatizavam com as ideias revolucionárias, na Alemanha e em outros países, designadamente na Rússia. O grande democrata revolucionário Vissarion Belinski, depois de ler os artigos de Marx publicados na revista, escrevia a Herzen: «Escolhi a verdade. Ora, nas palavras *deus e religião* apenas vejo trevas, ignorância, grilhões e chicote. De modo que, agora, gosto tanto daquelas duas palavras como das quatro que se lhes seguem.»<sup>98</sup>

Os artigos dos *Anais Franco-Alemães* representam o balanço de todo um período da vida e actividade de Marx, no decorrer do qual ele abandonou o idealismo para adoptar definitivamente as posições do materialismo. E de democrata revolucionário consequente tornou-se um comunista, um ideólogo da classe operária. V. I. Lênine escreveu que «nos artigos de Marx publicados pela revista, ele aparece-nos já como um revolucionário que proclama 'a crítica implacável de tudo o que existe' e, em particular, 'a crítica das armas', e apela para as *massas* e para o *proletariado*»<sup>99</sup>. No desenvolvimento da concepção do mundo de Marx vai abrir-se um novo período, em que ele procede à elaboração do materialismo dialéctico e da teoria do comunismo científico.